

# **O TEMPO E O ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS PEQUENAS**

***Manuela Assunção Crosera***

Aluna do Curso de Pedagogia do Instituto Superior de Educação Vera Cruz

***Maria Paula Zurawski***

Orientadora

## **RESUMO**

Este trabalho buscou compreender como ocorre a organização do tempo e do espaço em uma instituição de educação infantil a partir de registros de observações realizados em três dias distintos, totalizando 27 horas. Todas as observações foram realizadas no ambiente do qual as crianças e educadoras participam cotidianamente. O foco de análise se deu sobre episódios de interação entre crianças da idade de dois anos a três anos e onze meses e duas educadoras responsáveis pela turma do maternal. A partir dos registros de observação foram criadas quatro categorias de análise considerando as questões temporal e espacial. No que se refere à rotina e a organização do espaço, os dados dessa pesquisa parecem indicar que há uma inflexibilidade na rotina institucional, que bem como os espaços, desfavorece as interações entre as crianças.

Palavras-chave: dimensão temporal, dimensão espacial, educação infantil.

## **1 INTRODUÇÃO**

A questão do espaço e do tempo na educação infantil tem sido objeto de estudo de várias pesquisas nas últimas décadas (Cerisara, 2002; Rossetti-Ferreira; Silva, 2005; Campos-De-Carvalho, 2002; 2003; Oliveira, 1994; Bondioli, 2004). Segundo Cerisara (2002), a Lei de Diretrizes e Bases, que estabelece o direito da criança à educação infantil e garante o seu acesso a instituições públicas, aponta que a criança passa a ser vista como sujeito de direito, ao invés de ser tratada como objeto de proteção. Nesse sentido alguns documentos como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) foram organizados e publicados buscando orientar as práticas pedagógicas de professores e gestores envolvidos com a educação infantil a partir desse paradigma.

Com relação à importância dos ambientes e dos espaços na educação de crianças pequenas, estudos de pesquisadores interessados no desenvolvimento humano abordam a necessidade de um ambiente planejado para que o brincar aconteça (Conti & Sperb, 2001; Lordelo & Carvalho, 2006). Esses cientistas da psicologia buscam em suas pesquisas apresentar a importância da organização dos espaços educativos para o brincar livre das crianças e para a promoção da interação criança-criança. Desse modo, pode-se supor que a qualidade e a distribuição de objetos, assim como a forma como o espaço é organizado têm influência importante nas formas como se dão as relações sociais nos espaços da educação infantil.

Outro aspecto não menos importante é a questão do tempo nas creches, discutida por pesquisadores como Horn, 2001; Zabalza, 1998; e Barbosa, 2006. No ambiente das creches, a rotina é uma perspectiva que deve ser sempre levada em conta, pois é ela que norteia e estrutura o trabalho do educador. Por rotina podemos entender a distribuição de atividades no tempo que a criança passa na instituição de Educação Infantil, tanto no aspecto do cuidado quanto no que diz respeito às brincadeiras e atividades didáticas. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

“A rotina representa, também, a estrutura sobre a qual será organizado o tempo didático, ou seja, o tempo de trabalho educativo realizado com as crianças. A rotina deve envolver os cuidados, as brincadeiras e as situações de aprendizagens orientadas (RCNEI, p. 54).”

Segundo Proença (2004) a rotina representa uma espécie de âncora estruturante de uma instituição de educação infantil. A partir da organização do tempo e das atividades, tanto as crianças quanto os educadores podem sentir-se mais seguros. A rotina otimiza o tempo escolar, podendo nortear e orientar os envolvidos com a prática educativa cotidiana, favorecendo a ocorrência de interações com menos ansiedade sobre o que é imprevisível ou desconhecido.

A rotina na educação infantil pode ser compreendida como um dos alicerces do trabalho pedagógico, pois tem o poder de orientar as crianças tanto em relação ao tempo quanto ao espaço, assim como auxiliar os professores em suas atividades planejadas no dia-a-dia. Este, contudo, necessita ser flexível na medida em que pode fazer ajustes necessários para o bem estar de seu grupo de crianças a qualquer momento, havendo necessidade.

A organização da rotina nas instituições infantis é importante para a construção da noção de tempo das crianças, possibilitando a percepção dos tempos das atividades e a antecipação, pelas crianças, dos momentos que virão, além de auxiliar os educadores a situarem-se na sequência das ações que realizarão no decorrer do dia.

No processo de construção da rotina pedagógica é necessário que se leve em conta a realidade social, histórica e cultural dos alunos, de acordo com a realidade social, histórica e cultural de todos os sujeitos participantes do cotidiano escolar. A partir de uma visão crítica e reflexiva sobre a prática, o educador tem a tarefa de organizar o tempo de acordo com as necessidades dos educandos, adaptando a rotina conforme as demandas das crianças e, não o contrário, quando se espera que as crianças se adaptem à rotina preestabelecida da instituição.

A padronização e a regulação da rotina podem desrespeitar os diferentes ritmos dos pequenos, limitando, em um único ritmo, o tempo institucional. A rotina estruturada deve regular os educadores, mas não deve ser uma regra absoluta. Deve abarcar e respeitar os ritmos variados das crianças, que aos poucos devem incorporá-la. As crianças, por sua vez, têm o papel de vivenciar esse tempo, que muitas vezes é inflexível e não condiz com a realidade infantil.

Podemos entender que há dois tempos na escola: um tempo da criança e um tempo da instituição. Deste modo, Oliveira (2012) afirma:

“Há dois lados na consideração do tempo na Educação infantil. Um deles focaliza a *rotina* diária da instituição, que orienta em especial o trabalho dos profissionais que nela trabalham. O outro foco está na *jornada* das crianças, a sequência de atividades e experiências que elas vivenciam a cada dia (OLIVEIRA, 2012, p. 90, no prelo).”

Compreendendo a educação infantil como um espaço privilegiado de interações humanas que possibilitam o desenvolvimento global das crianças; e levando em conta que os ambientes e tempos em que se dão essas interações podem constituir-se importantes fatores, que impactam de diferentes formas a prática pedagógica cotidiana no trabalho com crianças pequenas, essa pesquisa teve como eixo central investigar como ocorre a organização do tempo e dos espaços em uma instituição de educação infantil e o quanto essa organização considera as crianças como sujeitos.

## **2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Segundo Ariès (1981), na Idade Média a criança era vista como um adulto em miniatura e não havia a preocupação em tratar as crianças como crianças, como no referencial contemporâneo. A ideia de infância era inexistente, visto que do infante era esperado, desde muito cedo, estivesse inserido na vida adulta. A ausência do sentimento de amor materno

levava algumas famílias a confiar o filho, até os sete anos de idade, para outra família educar até que este estivesse apto a exercer as funções de um adulto e ser incluído rapidamente na vida social. Eram comuns práticas de maus tratos e o infanticídio era tolerado e praticado por todas as classes sociais. Historicamente, o sentimento de infância (Ariès, 1981) só ocorrerá a partir do século XVII, movido sobretudo pela Igreja e pelo poder público, que começam a se preocupar com os infanticídios e tomam medidas para melhorar a higiene e o cuidado com as crianças, diminuindo os índices de mortalidade infantil. Aos poucos, a imagem do adulto em miniatura é substituída pela ideia de criança anjo ou criança mística. Os adultos começam ver a criança de uma outra forma e percebem que seu comportamento difere substancialmente do comportamento do adulto, com características próprias da idade. Paulatinamente, a criança passa a ser vista pela sociedade como um sujeito com especificidades comportamentais próprias ao momento da infância, e assim começa a ser respeitada na categoria de um *ser em desenvolvimento*. As transformações ocorridas na organização das famílias neste período também afetam o modo de tratamento dispensado à criança.

A nova família nuclear moderna, envolvida com um novo ideário de infância, busca na educação uma forma de nela investir, bem como um modo de preparação para a vida adulta. Com o aparecimento desse novo conceito de infância, sente a necessidade de educar os filhos. Desse modo, as primeiras instituições educacionais são criadas com a finalidade de contemplar as exigências do homem moderno. Na visão de Ariès (1981) o sentimento de infância só ganha força na Idade Moderna. Outros pesquisadores como Kuhlmann (1998) localizam a ideia de infância em momentos anteriores.

Estudo históricos (Ariès, 1981, Badinter, 1985, Kuhlmann, 1988) apontam que até o século XX a figura feminina era responsável pelo cuidado e educação das crianças, e por isso, enquanto os homens trabalhavam, as crianças permaneciam sob o cuidado das mães e das amas de leite. A sociedade nesse momento era principalmente agrária e vivia preponderantemente das atividades do campo.

Com a Revolução Industrial, surge uma sociedade capitalista e industrial que demanda, além do trabalhador masculino, a figura feminina no setor de produção. Nesse momento, as mulheres, por necessidade, começam a trabalhar fora de casa para ajudar no sustento da família, fato que gera a necessidade de que as crianças recebessem cuidados alternativos enquanto os pais trabalham.

Segundo Oliveira (2002), as primeiras instituições infantis foram criadas nos séculos XVII e XVIII, na Inglaterra, na França e em outros países da Europa com uma orientação pautada na medicina e higiene, assim como por preceitos religiosos. Essas instituições tinham

a preocupação de amparar sobretudo as crianças pobres, filhas das mães que trabalhavam por longos períodos nas fábricas, ou aquelas órfãs e abandonadas.

Ainda segundo estudos de Oliveira (1992) e Rizzo (2003), até 1930 no Brasil as creches tinham um caráter médico-higienista, base para o atendimento pré-escolar. Kuhlmann (1990) aponta que, num primeiro momento, a educação infantil brasileira passou por uma fase médica, num segundo momento por uma etapa assistencial e posteriormente por uma fase educacional que permanece até os dias de hoje.

No Brasil, diferentemente de países da Europa, foi no período de 1930 a 1980 que ocorreram as tentativas iniciais para a constituição e organização de creches, asilos e orfanatos. Contudo, essas instituições aparecem com um caráter bastante assistencialista, sobretudo com o objetivo de amparar as mulheres que trabalhavam fora de casa e viúvas sem condições econômicas para criarem seus filhos (Kuhlmann, 2001).

Sobre o caráter assistencialista das instituições de educação infantil desse período, Kramer aponta que:

“Eram as creches que surgiam, com caráter assistencialista, visando afastar as crianças pobres do trabalho servil que o sistema capitalista em expansão lhes impunha, além de servirem como guardiãs de crianças órfãs e filhas de trabalhadores. Nesse sentido, a pré-escola tinha como função precípua a guarda de crianças (KRAMER, 1987, p. 23).”

Em meados da década de 60, o movimento popular reivindica serviços sociais dos quais a educação infantil de qualidade faz parte. Desde a criação das primeiras creches e pré-escolas no Brasil, muitas leis e políticas públicas foram surgindo no sentido de proteger e educar a criança pequena.

Atualmente, no Brasil, o atendimento em instituições de educação infantil tem prioritariamente caráter educacional. Porém, pode-se perceber, no período recente da história da educação infantil brasileira, uma dicotomização entre o *educar* e o *cuidar*. Enquanto determinadas creches estruturam até hoje suas rotinas em atividades ligadas à assistência de crianças pequenas, caracterizadas pelo modelo não-educativo, familiar ou hospitalar de atendimento à infância, outras trabalham em uma perspectiva educativa, porém baseando-se ainda em práticas escolares das escolas de ensino fundamental.

Segundo Mariotto, (2009) nos últimos anos parece existir uma grande preocupação em incrementar a formação de educadores e cuidadores da primeira infância, buscando-se modificar a ideia de que esses profissionais atuem apenas segundo um modelo “materno” ou “familiar” de atendimento. Documentos recentes, como o Parecer CNE/CEB nº 20/2009 -

Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, apontam para a necessidade de reconhecer competências específicas para o professor de Educação Infantil, formando esses profissionais a partir deste paradigma. De modo geral, o que se tem percebido é que a sociedade legítima e requer instituições de educação infantil que sejam espaços educativos que visem o desenvolvimento global das crianças, atendendo às necessidades dos pequenos de acordo com a faixa etária.

A Constituição Brasileira de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96 colaboraram para a construção de um novo modelo de educação infantil que traz a ideia de que a educação e o cuidado das crianças pequenas são indissociáveis, valorizando o educar e o cuidar como parte indispensável do trabalho dos educadores de instituições infantis.

A partir do momento que a educação infantil passa a integrar a educação básica na Lei de Diretrizes e Bases, consistindo um de seus três níveis de ensino – educação infantil, ensino fundamental e ensino médio – houve uma mobilização para a melhoria da qualidade da educação de crianças pequenas. Os professores passaram a precisar de formação para atuar nesse setor, e o cuidado e a educação passaram a compor as práticas das instituições infantis, ganhando a mesma relevância.

Com o passar do tempo a questão educativa ganha força e a organização do espaço passa a ser uma aliada ao planejamento do professor. Nessa concepção o espaço, segundo Zabalza (1998), é visto como um *segundo educador* nas escolas infantis, na medida em que favorece as interações criança-criança e adulto-criança e propicia aprendizagens significativas, quando bem organizado.

### **3 TEMPO E ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A temática referente à organização do tempo e do espaço na educação infantil tem sido objeto de muitas investigações nas últimas décadas (Bondioli, 2004; Zabalza, 1998; Barbosa, 2006). A organização dos espaços físicos, assim como a influência desses espaços e ambientes na interação entre as crianças e as diversas formas de se estabelecer uma rotina são temas tratados por esses autores. Segundo Zabalza (1998), os termos *espaço* e *ambiente* têm conotações diferentes, visto que o primeiro refere-se ao espaço físico propriamente dito, e o segundo, mais amplo, seria o resultado da articulação de quatro *dimensões* – física, temporal,

funcional e relacional. Complementando essa ideia, Lima (1989) trabalha com a noção da inseparabilidade entre o espaço e o ambiente:

“As observações sugerem, portanto, que o espaço físico isolado do ambiente só existe na cabeça dos adultos para medi-lo, para vendê-lo, para guardá-lo. Para a criança existe o espaço alegria, o espaço medo, o espaço proteção, o espaço mistério, o espaço descoberta, enfim, os espaços de liberdade ou de opressão (LIMA, 1989, p.30).”

Bondioli (2004), em sua pesquisa realizada com foco na observação, registrou a sequência de acontecimentos ao longo de um dia procurando analisar como ocorre a organização do dia de uma escola de educação infantil. Barbosa (2006) relaciona as dimensões temporal e física em suas investigações, ressaltando a importância do entrelaçamento entre o espaço físico estruturado e a rotina dinâmica.

As dimensões citadas acima estão interrelacionadas, partindo do pressuposto de que em um ambiente o espaço físico influencia as relações, favorecendo ou desfavorecendo a interação espaço-criança e criança-criança. Dessa forma o contexto do ambiente está em constante transformação, visto que cada sujeito se relaciona com ele de determinada maneira. Como aponta Zabalza (1998):

Poderíamos definir o ambiente como um todo indissociável de objetos, odores, formas, cores, sons e pessoas que habitam e se relacionam dentro de uma estrutura física determinada que contém tudo e que, ao mesmo tempo, é contida por todos esses elementos que pulsam dentro dele como se tivessem vida. Por isso, dizemos que o ambiente “fala”, transmite-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferentes (ZABALZA, 1998, p. 233).”

A dimensão física abarca o espaço físico e suas formas de organização espacial, como por exemplo em uma sala de aula. Compreende condições estruturais que dizem respeito a aspectos como o tipo de piso ou a pintura de uma sala; e os objetos do espaço, como as peças do mobiliário. A organização refere-se ao modo como se dá a distribuição do mobiliário nesse espaço.

Sobre dimensão funcional pode-se entender o modo como o espaço é utilizado, sua polivalência e o tipo de atividade que pode ser nele realizada, enquanto que a dimensão relacional diz respeito a quem utiliza determinado ambiente, e como. Por fim, a dimensão temporal faz referência direta a quando e como esse espaço é utilizado.

Pode-se perceber, conforme aponta Zabalza (1998), que a ideia de espaço como elemento curricular se modificou ao longo da história da educação. Em um primeiro momento o espaço era visto apenas como um lugar onde se ensinava. Numa segunda acepção, o espaço é reconhecido como um componente instrumental e visto como um elemento facilitador. Por fim, em uma terceira abordagem, o espaço passa a ser considerado um fator de aprendizagem,

determinante para uma aprendizagem significativa, cuja organização influencia as ações das crianças. O educador passa a considerar que o espaço, quando bem organizado, pode auxiliar nas atividades, possibilitando aprendizagens. A respeito do espaço Zabalza (1998) diz:

“As disposições ambientais facilitam ou inibem as atividades de aprendizagem, apoiam e fortalecem o desejo de aprender, estimulam o envolvimento profundo ou superficial convidam as crianças a apressarem-se ou a movimentarem-se lentamente. Com ou sem conhecimento do professor, o ambiente envia mensagens e os que aprendem respondem (ZABALZA, 1998, ).”

A questão da organização dos espaços está intimamente ligada à otimização do tempo na educação infantil que se configura na forma como os educadores estabelecem rotinas em suas práticas educativas cotidianas. Ou seja, pensar no ambiente em seus aspectos estruturais depende também do dinamismo temporal em que as atividades se desenvolvem.

A construção de uma rotina na escola para crianças pequenas deve considerar a organização do dia-a-dia, o ritmo e a distribuição das situações ocorridas ao longo do tempo como questões primordiais. Como aponta Bondioli (2004), é imprescindível considerar o tempo subjetivo dos indivíduos que convivem na escola para organizar a rotina, pois é por meio dele que as crianças vivenciam e experimentam a questão da temporalização num contexto social fora da família. Por fim, a autora também define as situações de rotina como situações costumeiras que se desenvolvem cotidianamente e possuem uma estrutura pré-ordenada.

Segundo Barbosa (2006), estudos realizados na área da Psicologia apontam a importância de um ambiente organizado para a adaptação e o reconhecimento do indivíduo no espaço em que vai se inserir. A questão da temporalização da vida das crianças também é um fator importante, principalmente se estruturar o tempo coletivo sem deixar de respeitar os tempos pessoais. É importante salientar que grande parte das instituições infantis continuam com o tempo rígido, mecânico e absoluto, desrespeitando muitas vezes os tempos subjetivos das crianças pequenas.

Portanto, partindo da ideia de que um ambiente de educação infantil resulta da interação de algumas dimensões (interacional, física, funcional e temporal) (Oliveira, 2012), o foco deste trabalho estará nas dimensões temporal e espacial, sem desconsiderar as outras dimensões integradas nessa relação.

## **4 METODOLOGIA**

### **4.1 Pesquisa qualitativa**



Esse estudo consistiu num tipo de estudo exploratório de natureza qualitativa e teve como objeto de investigação a organização do tempo e do espaço em uma instituição de educação infantil. Essa instituição, de caráter filantrópico, mantida por empresas da região e subsidiada pela Prefeitura, está localizada na região periférica do município de Cotia, na Grande São Paulo.

Entende-se por pesquisa qualitativa aquela que considera a interação dinâmica entre o pesquisador e o ambiente pesquisado. Para Lüdke & André (1986, p. 18), o estudo qualitativo “(...) se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. Na pesquisa qualitativa são levados em conta tanto o mundo objetivo quanto o mundo subjetivo, assim como as interações entre os indivíduos, sem necessariamente equacionar questões quantitativas ou estatísticas. No caso dessa pesquisa, o ambiente natural – a instituição – consistiu na fonte primordial para a coleta de dados, possíveis somente de serem obtidos a partir da interação do pesquisador com o objeto de pesquisa, por meio da observação direta do fenômeno investigado.

Com relação à técnica de observação, segundo Minayo (2002, p.59-60), é por meio dela que é possível “(...) captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real”.

A partir da abordagem qualitativa, essa pesquisa teve como objetivo compreender como se dá a organização da rotina e do espaço nas práticas educativas de uma instituição de educação infantil, considerando questões importantes tais como: a utilização de cada espaço específico; a valorização de cada ambiente na prática cotidiana do (a) educador (a); os episódios de interações entre as crianças em determinados cenários e tempos; e a sincronia entre o tempo da instituição e o tempo das crianças.

#### **4.2 O instrumento: a observação**

A observação caracterizou parte fundamental dessa pesquisa, visto que foi por meio dela que a análise da questão temporal e espacial foi possível. O estudo exploratório visa apreender a realidade da forma mais fidedigna possível. Dessa forma, utilizou-se o procedimento da observação em ambiente natural no qual o fenômeno investigado pode ser

atentamente examinado e registrado. A investigação dos tempos e espaços institucionais ocorreu a partir do olhar da pesquisadora e o registro dos dados ocorreu conforme os episódios interacionais eram observados na medida em que ocorriam, conforme sugerem Bondioli e Galdabino (2004):

Propomos considerar o que se apresenta aos olhos do observador - o dia escolar – como uma espécie de representação teatral com um início, um fim e um desenrolar temporal marcado em “tempos” e “atos”; estes últimos, por sua vez, caracterizados pela sucessão de diversos episódios. (BONDIOLI, 2004, p. 23)

Em uma instituição de educação infantil, como em qualquer outro local em que há a interação entre pessoas, cada episódio do dia acontece dentro de um cenário (o espaço), com um elenco de atores (os participantes), que atuam na cena (atividades desenvolvidas), interagindo socialmente (agrupamentos), sob uma eventual direção do educador (modalidades de gestão) como descreve Bondioli (2004, p. 23). Nesse sentido, nessa pesquisa o registro dos dados observados foi realizado de acordo com esses elementos que, somados, constituem um episódio.

Ao todo, foram realizadas três visitas à escola de educação infantil, em que a pesquisadora permaneceu por todo o período, que se estende das 7h30 às 16h30, com o grupo do Maternal, que compreende crianças de dois anos e meio a três anos e onze meses. A observação ocorreu em todas as atividades diárias das crianças: atividades dirigidas, parque, pátio, refeitório etc. Nessas ocasiões não houve a interação da pesquisadora com as crianças, ficando esta na posição de mera observadora. O material usado para o registro consistiu em papel, caneta e uma câmera fotográfica que registrou a organização dos espaços tais como pátio, sala do Maternal, parque, refeitório, brinquedoteca, banheiro. Por uma questão ética essas imagens foram utilizadas para analisar o fenômeno estudado e não aparecem neste trabalho.

Todas as informações registradas tiveram como base os apontamentos de Bondioli (2004) levando em conta a duração de cada atividade, mudança de espaço, tipo de agrupamentos e outros elementos que a autora considera importantes.

### **4.3 A pesquisa de campo**

O CEI “Criança Feliz”<sup>1</sup>, onde a pesquisa foi desenvolvida, existe há dezessete anos e foi inaugurado dentro de um projeto social que atende crianças no contra-período escolar, na região de Cotia, chamado Centro de Educação Complementar (CEC). Em 2012 o projeto inaugurou uma escola de ensino fundamental I.

O contato inicial com essa instituição se deu a partir de uma primeira visita, por ocasião da realização de estágio que consistiu em trabalhos de regência e observação.

O CEI atende crianças de dois anos até cinco anos e onze meses. Tem um total de 52 crianças matriculadas, sendo 22 crianças no Maternal I e II, e 30 no Jardim I e II. Somente uma criança ainda usa fralda. O horário de funcionamento até o ano passado era das 8h às 17h, mas sofreu uma modificação por conta da inauguração da escola de ensino fundamental. Portanto, neste ano o horário de entrada do CEI passou a ser às 7h30 e o horário de saída às 16h30. Por conta da falta de educadores nessa escola infantil, o Maternal I e o Maternal II<sup>2</sup> formam um único grupo com uma professora e uma assistente, enquanto o Jardim I e o Jardim II<sup>3</sup> formam outro grupo, comandado por uma professora e uma assistente.

A escola é uma casa adaptada e a área externa é extensa. Possui quatro salas, sendo que somente duas são utilizadas, uma para cada agrupamento. Possui dois banheiros adaptados para as faixas etárias atendidas, uma cozinha, um refeitório, uma sala de coordenação, uma sala de reunião, um pátio e um parque. Pode-se perceber que a casa ainda conserva vestígios de residência, como a lareira na sala do Maternal, um longo banco de concreto junto à parede e uma escada com cinco degraus, que fazia conexão com outra parte da casa.

Os móveis da sala do Maternal são fixos e há pouca variedade de brinquedos. Há somente uma estante de plástico com três prateleiras, onde se encontram alguns brinquedos desorganizados. Na lareira pode-se avistar uma caixa de livros descuidados, com páginas faltando e folhas rasgadas. Os livros em melhores condições são deixados na prateleira ao lado da lareira, fora do alcance das crianças. Há uma estante acoplada na parede, com três andares, na altura das crianças, para estas guardarem suas mochilas na hora da entrada. Do outro lado da sala pode-se avistar uma escada com cinco degraus, que fazia conexão com outra parte da escola, e um mural. Os colchões para a hora do descanso são empilhados em uma parte do grande banco de concreto.

---

<sup>1</sup> Todos os nomes de pessoas e locais relatados aqui são fictícios, preservando as identidades e o compromisso ético da pesquisa científica.

<sup>2</sup> O Maternal I e Maternal II foram chamados ao longo do estudo ora por Maternal I e II ora por Maternal que faz referência sempre ao mesmo grupo.

<sup>3</sup> O Jardim I e o Jardim II também foram chamados de Jardim I e II ou simplesmente por Jardim e diz respeito ao mesmo grupo.

O refeitório aparenta ser a varanda da antiga casa e foi ampliado para que se tornasse mais confortável. A única parede do refeitório faz conexão com a sala do Maternal I e II e nos dias de frio, três toldos funcionam como parede. Há três pias para lavar as mãos para as refeições, e o Maternal tem duas mesas redondas, em que cabem ao todo dezoito crianças; e uma pequena mesa quadrada em que cabem quatro crianças. A mesa retangular é utilizada para os alimentos e é nela que as crianças vão se servir durante as refeições. O Maternal I e II usam as cadeiras de plástico nas cores azul e amarelo, enquanto que o Jardim utiliza a cor vermelha.

A brinquedoteca tem quatro estantes de plástico com brinquedos desorganizados, e gavetas com brinquedos maiores. Possui uma televisão e duas cadeiras de madeira parecidas com pequeno trono. Perto dos pés do trono são colocados livros que as crianças podem folhear.

A instituição possui uma grande área externa que conta com um pátio com dois tanques de areia e um parque com um playground, uma gangorra, um trem grande de concreto, pneus, um grande tronco na horizontal para as crianças se equilibrarem e uma gangorra vai e vem. Além desses brinquedos há um cercado com uma casinha, onde o jabuti da escola permanece.

#### **4.5 Análise dos dados**

A partir das observações, os dados coletados foram organizados em uma tabela para ficar mais clara a organização do tempo nessa instituição, sempre considerando que as dimensões interacional, física, temporal e funcional do ambiente estão interligadas. A construção de uma tabela para organização dos resultados foi baseada nos modelos desenvolvidos por Galdabino (2004). Os componentes que fizeram parte da tabela são, como dito anteriormente, o espaço, os participantes, as atividades, os agrupamentos, as modalidades de gestão, a duração e a posição na sequência temporal.

A unidade temporal adotada por Galdabino (2004) é chamada de *episódio*; quando um ou mais elementos da tabela variam, o episódio termina e um novo se inicia. . A partir da duração e da quantidade dos eventos que caracterizam um dia de observação pode-se

investigar se há continuidade ou descontinuidade na sequência das atividades e como ocorre a dinâmica temporal nessa instituição.

A partir da organização dos dados foram criadas quatro categorias de análise, denominadas: *organizando a rotina das crianças*; *tempos e espaços para o brincar*; *mau uso do tempo – despreparo para lidar com o tempo*; e *escolarização da criança pequena*.

## 5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 5.1 Organizando a rotina das crianças

Os elementos que foram considerados na análise da organização da rotina na instituição de educação infantil consistiram em: a ordem e o momento de ocorrência dos episódios, sua duração, a atividade que estava sendo realizada no momento, o espaço utilizado, os participantes envolvidos, a modalidade de desenvolvimento da atividade (grupo, dois grupos, livre ou individual) e por fim as modalidades de gestão (intermediária, autônoma ou dirigida).

Com relação ao número de episódios que nortearam a análise da qualidade e do aproveitamento do tempo nas observações, o dado que pareceu mais relevante diz respeito à grande fragmentação do tempo, observada principalmente na descontinuidade entre uma atividade e outra, como nos mostra o episódio abaixo:

As crianças se dirigem para a tenda do circo da instituição no qual crianças do ensino fundamental se apresentarão. Às 15h22 tem início o espetáculo. Às 15h42 as crianças saem do circo antes do espetáculo acabar, pois estão atrasadas para o jantar. Às 15h46 todas as crianças chegam ao refeitório e sentam para jantar. A professora Tatiana serve as crianças rapidamente. Elas estão atrasadas. Alguns veículos de transporte escolar e alguns pais chegam às 16h. As educadoras apressam as crianças para comer. As crianças que querem repetir se servem sozinhas. Algumas crianças saem das mesas apressadamente (1º dia de observação).

Pode-se notar, a partir dessa descrição, que a passagem da apresentação do circo para o jantar é realizada de forma descontínua, visto que as educadoras estão preocupadas com o horário do jantar, que não pode ser alterado de forma alguma. As educadoras frequentemente não parecem demonstrar preocupação em avisar previamente as crianças sobre o que irá ocorrer e as interrompem em momentos em que a atividade está no seu auge, como no momento de apreciação do espetáculo de circo, acarretando uma ruptura brusca para os pequenos. No episódio relatado, o percurso de volta para a instituição, mais especificamente

para o refeitório, é realizado rapidamente, sem consultar as crianças, o que mostra claramente o quanto as professoras se preocupam com o tempo da instituição e ignoram o tempo das crianças, desrespeitando os diferentes ritmos existentes no grupo do Maternal. Essa situação caótica analisada evidencia uma preocupação significativa com o tempo institucional, concebido como rígido e inflexível, desconsiderando a jornada e o momento de cada criança.

Nos três dias de observação pode-se perceber que o dia na instituição gira em torno de uma rotina diária. Essa rotina diária é dividida em sete marcos temporais que estruturam o dia e servem para orientar as atividades das educadoras. Das 7h30 às 8h – entrada; às 7h45 – café da manhã; 9h30 – suco; 10h30 – almoço; das 11h30 às 14h – descanso; 14h30 – suco e finalmente às 15h30 – jantar.

O pequeno trecho abaixo, obtido do registro de observações, aponta o momento do suco que, como apontado anteriormente, é um dos marcos temporais da rotina cotidiana dessa instituição.

Todos os dias religiosamente às 9h30 as educadoras servem o suco para as crianças e os locais podem variar dependendo da atividade que está sendo realizada. Esse momento pode ocorrer no pátio, no refeitório ou na sala (1º, 2º e 3º dia de observação).

Assim como a hora do suco, todas as atividades de rotina são realizadas sempre no mesmo horário, invariável, independentemente do local e da situação apresentada ou do tipo de atividade que está sendo desempenhada pelas crianças. A hora do suco pode se dar na sala, pátio ou refeitório:

As crianças se dirigem para as mesas do refeitório, pois realizarão uma atividade de pintura. Tatiana começa a organizar as mesas e os materiais que utilizará nessa atividade. Luana avisa Tatiana que o suco está pronto. Às 9h25 Luana traz o suco e segue a sugestão de Tatiana que é de servir as crianças nas mesas. Luana avisa às crianças que vai passar o suco e que quem acabar não é para levantar porque ela vai buscar o copo da criança no lugar (3º dia de observação).

Essa situação apresentada aponta para a inflexibilidade da educadora frente a uma circunstância não planejada. A ausência de ajustes necessários face à situação encontrada evidencia uma rotina rígida, que não considera a possibilidade de continuidade de que a criança precisa entre uma atividade e outra. As rotinas rígidas, uniformes e homogeneizadoras das instituições de Educação Infantil parecem dificultar a vivência das dimensões corporal, individual, cognitiva e afetiva dos sujeitos-crianças. .

Além desses marcos principais, outros pontos puderam ser observados todos os dias na instituição. São eles: o procedimento de colocar a agenda na cestinha e guardar a mochila na estante, ambos atrelados ao momento da entrada; o momento de higiene depois do café da

manhã (fazer as necessidades básicas e lavar as mãos); higiene após o almoço, que contempla a escovação dos dentes, o uso do banheiro e a higiene das mãos; tirar os sapatos e colocá-los na escada; o momento do despertar, posteriormente ao descanso; e a higiene depois do jantar. As descrições abaixo explicitam dois desses momentos diários: o procedimento das agendas, logo no início da manhã; e a retirada dos sapatos antes do descanso: :

Às 7h30 os pais entram na escola e levam os filhos para as respectivas salas. Cada criança tira sua agenda da mochila, coloca em uma caixa destinada para as agendas e guarda a mochila na estante. Percebe-se que nenhuma criança realiza o procedimento de maneira diferente (1º dia de observação).

Às 11h25 os meninos saem do banheiro, tiram os sapatos, seguram os sapatos nas mãos e vão para a sala, onde deixam os sapatos na escada (1º dia de observação).

Essas situações mostram que o ritual de tirar a agenda da mochila e guardá-la na cestinha e retirar o sapato e colocar na escada, já está apropriado pelas crianças, visto que é um momento que ocorre todos os dias.

Para a apropriação dessas atividades é necessário que a educadora, num primeiro momento, tenha explicado às crianças como devem concretizar esse procedimento, para que posteriormente o realizem sozinhas. No entanto, o que poderia sugerir autonomia parece mais com um “adestramento” para que as crianças cumpram mecanicamente as suas obrigações. Momentos como estes parecem não fazer sentido para elas e são realizados de forma notadamente conveniente para a educadora. No início do convívio do grupo, a educadora teve que relembrar o combinado das agendas e dos sapatos e teve que estar a postos para qualquer dúvida ou esquecimento, mas, com a constância desses momentos, as crianças começaram a desempenhá-los autonomamente. Cavasin (2008) aponta os vários significados do termo *rotina*, sendo que, neste caso, a rotina torna-se algo adquirido pela prática, pelos costumes, ligado aos hábitos e à ideia de repetição, como se tivesse um caráter normatizador.

A maneira como se dá a sequência ordenada de atos e procedimentos nas diferentes instituições de educação infantil pode nos dar pistas sobre diferentes concepções de infância. Para nós, a rotina seria um fator estruturante do dia-a-dia, mas que respeita a criança e seus ritmos, sendo flexível quando necessário. A escola infantil analisada parece encontrar-se dentro de um outro modelo, em que a organização do dia ocorre a partir de uma rotina mecânica e pré-determinada, apresentada e não construída com as crianças, com um ritmo rígido que deve ser cumprido de acordo com os horários pré-estabelecidos. As atividades não determinam o tempo e sim o tempo, de forma incisiva, é que determina as atividades dos alunos e as ações dos educadores.

## 5.2 Tempos e espaços para o brincar

Os tempos e espaços destinados ao brincar na instituição analisada não condizem com uma concepção de infância em que se valoriza os diferentes ritmos e aprendizagens característicos da infância. As professoras parecem eventualmente despreparadas para lidar com situações consideradas inesperadas, como se pode perceber no excerto abaixo:

Às 9h29 Luana diz para as crianças brincarem no pátio perto da casinha móvel, que fica perto do refeitório. Duas crianças ajudam Luana a arrumar as mesas do refeitório e a limpá-las. Algumas crianças brincam na casinha enquanto outras mexem nos “pesinhos” que mantêm fixa a lona que cobre os tanques de areia. Duas crianças usam os pesos para montar como se fossem cavalos, e outras colocam um peso atrás do outro como se estivessem em um trem. Passados alguns minutos, Luana termina de organizar as mesas do refeitório e vai ao encontro das outras crianças que brincam nos arredores da casinha móvel. No caminho, encontra as crianças brincando com os pesinhos e interrompe imediatamente a brincadeira criada por elas, alegando que os pesos têm somente a função de segurar a lona (2º dia de observação).

O episódio apresentado acima descreve uma situação em que a educadora ignorou a brincadeira inventada pelas crianças e nem sequer perguntou o que estavam fazendo. O fluxo de imaginação infantil é interrompido no momento em que a educadora retira os pesinhos e os coloca de volta em seus devidos lugares, ressaltando um modo único de utilizá-los. A brincadeira é interrompida de forma abrupta, embora esta não ofereça riscos para a integridade das crianças. A educadora não parece perceber este momento como oportunidade importante de desenvolvimento cognitivo e psicológico, em que os pequeninos podem exercitar sua criatividade e imaginação e podem estar envolvidos de “corpo e alma”, conforme Chateau (apud Horn, 2004, p. 28) explica:

“Fazendo uma massa de areia, edificando com cubos, brincando de barco, de cavalo, de trenzinho, você verá, observando seu rosto, que ela dá toda a sua alma ao assunto em questão e é tão absorvida em tudo isso quanto você em suas pesquisas sérias (CHATEAU apud HORN, 2004, p. 28)”.

Outro episódio que ilustra o despreparo da educadora frente a uma situação ocorreu no momento de brincadeira:

Às 10h11 Tatiana diz para as crianças que elas podem brincar no pátio e no parque. As crianças saem da sala animadas e correm em direção ao parque. Algumas crianças brincam no pátio enquanto outras brincam nos pneus, na gangorra “vai e vem” e no gramado localizado no parque. A educadora observa a movimentação das crianças na área do parque e resolve brincar com elas. Ela altera a brincadeira das crianças fazendo com que elas a imitem. Tatiana chama as crianças e diz para elas imitarem seu percurso. Primeiramente ela sobe na gangorra “vai e vem”, depois se equilibra nos pneus enquanto as crianças as seguem (1º dia de observação).



Nota-se que as crianças estavam no pátio e no parque brincando livremente e a educadora interferiu bruscamente na brincadeira livre, propondo e dirigindo aquilo que poderia ser um momento de criação das crianças, propondo uma atividade de percurso no parque com os objetos fixos (pneus, gangorra vai e vem) e o espaço físico em si (gramado, árvores, chão de terra). A professora poderia, em um primeiro momento, ter permanecido na posição de observadora para posteriormente entrar na brincadeira, e não desconsiderar rapidamente o foco proposto pelas crianças..

O mesmo ocorre no seguinte episódio:

Às 15h11 as crianças estão reunidas na sala do Maternal e Tatiana coloca a música do coco para que dançam, mostrando às crianças o jeito certo de dançar. As crianças começam a dançar cada uma do seu modo. Em um determinado momento duas crianças se abraçam e Tatiana interrompe a música e diz que a dança do coco não é para abraçar o amigo e sim para dançar em roda (3º dia de observação).

A atividade dirigida pensada pela educadora teve a intenção de aproximar as crianças da cultura brasileira, mas o modo como foi ministrada desconsiderou a singularidade e a individualidade infantis. As crianças se expressam de maneiras variadas, visto que cada uma tem uma percepção de mundo distinta, que deve ser respeitada. A educadora poderia ser mais flexível com as crianças, visto que, nessa faixa etária, *dançar* pode ser interpretado de diversas maneiras e não há um jeito único de fazê-lo.

A situação seguinte, ocorrida no período da manhã, ilustra o brincar livre, respeitando e valorizando a ideia das crianças. A educadora, em um primeiro momento, deixa à disposição das crianças um tambor, com panos e tecidos. No decorrer da situação as crianças mostram o seu desejo por outra brincadeira. Vejamos a seguir o desenrolar dessa situação.

Às 9h33 Luana traz um tambor com panos e tecidos e coloca no pátio, deixando à disposição das crianças. Algumas apanham panos e tecidos para fazerem capas, outras para fazerem vestidos. Às 9h38 as crianças continuam brincando com as capas pelo pátio e pelo parque, enquanto outras brincam nos pneus localizados no parque. Tatiana está varrendo o refeitório com a ajuda de uma menina que se ofereceu. Às 9h41 é chegada a hora do suco que nesse dia aconteceu no pátio. Luana distribui o suco e à medida que as crianças vão terminando, elas voltam para brincar. Às 9h47 Tatiana continua organizando o refeitório e mais meninas a ajudam a empilhar as cadeiras. Às 9h55 quatro crianças brincam no playground do parque e a coordenadora as chama, dizendo que não é para brincar lá e sim no pátio. Tatiana continua varrendo. Um menino diz, ao estender o pano no chão do pátio: “eu vou fazer a minha caminha” e deita no pano. Quatro crianças correm em fila enquanto um menino coloca a cabeça no pano como se estivesse dormindo. Uma menina diz “filhinho” para o menino acordar enquanto outras crianças brincam de trem no refeitório. Às 10h06 as crianças brincam de trem no refeitório e Tatiana sugere que as crianças levem as cadeiras para o pátio para brincarem de trem lá. As cadeiras são colocadas uma atrás da outra. A maioria das crianças participa dessa brincadeira. Luana pergunta o que as crianças estão fazendo e elas respondem “é um trem”. Luana fala para elas cantarem a música do trem, mas algumas não estão com vontade. Duas meninas que estão em últimas na fila do grande trem resolvem brincar de outra coisa, mas quando vão mudar as cadeiras de lugar são interrompidas

por Luana que não autoriza retirar a cadeira, pois afirma que estão brincando de trem. Às 10h20 a educadora pede que as crianças levem as cadeiras de volta para o refeitório (2º dia de observação).

A ideia da assistente de colocar os tecidos à disposição das crianças é, a priori, muito interessante, pois as crianças tiveram mais elementos para elaborarem a brincadeira simbólica, assim como puderam escolher entre brincar com os tecidos e brincar no pátio ou no parque. A coordenadora mandou as crianças saírem do playground, pois não queria permanecer lá, preferindo que todos ficassem no pátio, onde o espaço é mais restrito e facilita o controle de todas as crianças.

A educadora acatou a ideia de fazer um trem e sugeriu que levassem as cadeiras do refeitório para o pátio, onde as crianças teriam um espaço maior para enfileirar as cadeiras. A partir da iniciativa de algumas crianças, as outras, curiosas, também quiseram participar e foram buscar mais cadeiras. Tudo parecia bem encaminhado quando a educadora interrompe a ação e diz para as crianças cantarem a música do trem. Sem nenhuma preocupação, ela altera o foco da brincadeira bruscamente e faz com que as crianças se dispersem. Uma brincadeira que se iniciou livre, é finalizada em uma brincadeira dirigida. Além disso, no momento em que duas meninas resolvem brincar de outra coisa com as cadeiras, a assistente as interrompe e diz que, naquela hora, estariam brincando apenas de trem. Tudo leva a crer que a assistente acredita que todas as crianças devem fazer a mesma coisa ao mesmo tempo, pois os dados registrados parecem mostrar o seu despreparo para diferenciar uma brincadeira livre de uma dirigida, sempre interferindo e exigindo das crianças um tipo de brincadeira proposto por ela. Em relação às formas coletivas de atividade Oliveira (2012) aponta:

“No que diz respeito às interações entre as crianças, os ambientes de Educação Infantil em nosso país têm sido tradicionalmente determinados pela predominância das formas coletivas de participação nas atividades, com instruções e acompanhamento centralizado nos adultos, que podem assim ser traduzidos numa espécie de máxima: “todo mundo faz a mesma coisa, ao mesmo tempo, do mesmo jeito” (OLIVEIRA, 2012, p. 79)”.

### **5.3 Mau uso do tempo – despreparo para lidar com o tempo**

Entende-se por mau uso do tempo situações em que não se reflete ou planeja previamente, gerando desperdício de tempo. Planejar consiste em definir a duração da atividade, o modo como esta ocorrerá, como o espaço deverá ser organizado para que a

atividade aconteça da forma desejada, o que se pretende que os alunos aprendam etc. O exemplo a seguir ilustra uma situação real ocorrida em um dos dias de observação nessa escola de educação infantil, em que não parece haver ocorrido um planejamento prévio da atividade:

Às 9h19 as educadoras e as crianças se dirigem para o refeitório, onde realizarão uma atividade artística - mais especificamente uma pintura. Tatiana prepara a mesa colocando plásticos sobre ela e Luana inicia a organização das tintas colocando cada uma em um prato plástico. As cores usadas para esse momento de pintura foram: azul, amarelo, verde, vermelho, preto e branco. Luana interrompe o que está fazendo e vai buscar o suco às 9h25. Nesse instante as crianças estão agitadas e batem com as mãos na mesa. Luana avisa que vai dar o suco e que quem acabar não é para levantar, porque ela vai buscar o copo da criança no lugar. Enquanto a hora do suco ocorre, Tatiana continua arrumando as mesas. Ela coloca fita crepe nos plásticos que estão sobre as mesas para que eles não deslizem ou voem. Posteriormente Tatiana corta os papéis no formato das bandeirinhas de festa junina e Luana continua colocando as tintas em pratos plásticos. As crianças começam a ficar inquietas e impacientes devido ao longo período de espera. Luana arregança as mangas dos casacos das crianças para que não sujem. Nesse momento as crianças gritam: “pincel, pincel”. Luana leva a bandeja para a cozinha. Tatiana continua dobrando as cartolinas para cortar do formato das bandeirinhas enquanto Luana coloca as tintas nos pratos. Às 9h37 finalmente Tatiana termina de cortar as bandeirinhas e entrega para as crianças que estão em silêncio. Às 9h46 Tatiana distribui os pincéis e Luana continua realizando sua tarefa com dificuldade, pois há pouca tinta no tubo. Tatiana avisa que é para pintar somente com o pincel e que o prato é para permanecer no centro da mesa para que todos possam usar. Às 9h50 as educadoras distribuem as tintas e começa enfim a atividade. Às 9h59 algumas crianças já finalizaram a atividade (3º dia de observação).

A partir do relato acima pode-se perceber a necessidade de que a atividade tivesse sido previamente organizada, o que significa que a mesa já deveria estar com o plástico e as bandeirinhas, já cortadas. Isto respeitaria as crianças, não as obrigando a esperar, sem participação na organização da atividade. Longos períodos de espera e de imobilidade não respeitam, inclusive, características do desenvolvimento infantil, como a predominância funcional do movimento nesta faixa etária, o que justifica a necessidade constante das crianças de se movimentarem. A educadora deveria ter realizado um planejamento anterior, pois cortar as bandeirinhas e colocar as tintas nos pratinhos demorou mais do que a atividade em si que, demorou quarenta minutos, somando a parte organizacional, o preparo do material e o suco. Oliveira (2012) aponta que as instituições de educação infantil têm um desafio, que é acabar com os tempos de espera, que podem somar mais da metade do tempo total que as crianças passam na creche de período integral.

Outra situação ocorrida no período da manhã em um dos dias observados se deu de modo espontâneo, mas com uma intenção clara, que foi contar a história da infância de Volpi e em seguida mostrar um quadro dele. Portanto foi uma atividade não planejada, mas que se apresentou com um objetivo:

Logo após o café da manhã as crianças se dirigem para a sala. Às 8h22 Luana organiza a roda enquanto Tatiana ainda permanece no refeitório. Às 8h26 a roda está pronta e Luana canta a música do *Bom Dia* enquanto Tatiana ausenta-se da sala para pegar um livro. Em seguida Luana canta algumas músicas de festa junina visto que a Festa Junina dessa escola ocorrerá em um futuro próximo. Às 8h34 Tatiana situa as crianças sobre a história que vai contar expondo que o menino Volpi gostava de duas coisas: de festa junina e de brincar. Tatiana começa a ler a história e às 8h44 é interrompida por duas crianças que precisam ir ao banheiro. A educadora decide parar a história e levar todas as crianças para o banheiro para não ser interrompida novamente. Às 8h59 a roda é refeita e a história recomeça. As crianças estão desinteressadas pela história e dispersas, conversando entre si. Tatiana nota o desinteresse dos pequenos e para de contar. Em seguida a educadora mostra duas pinturas de Volpi sendo que um dos quadros chama-se *Festa de São João*. As crianças continuam dispersas, pois o assunto abordado não as interessa e a duração da atividade é extensa. A atividade foi finalizada às 9h19 (3º dia de observação).

A atividade não planejada sugerida pela professora teve a intenção de abordar a infância do pintor Volpi com o objetivo de aproximar as crianças das obras de arte e dos interesses do artista. Analisando o desenvolvimento da atividade, é possível perceber que, frente à dispersão das crianças, a educadora poderia ter adaptado a narração e contado a história com outro vocabulário, mais adequado à faixa etária das crianças. O tempo da atividade também não foi bem administrado, visto que ela prolongou-se por aproximadamente uma hora, fatigando as crianças.

Esta uma hora, que abrangeu o momento da história, da higiene e da organização da roda, mais uma vez aponta para o quanto o tempo das crianças e sua capacidade real de esperar são desconsiderados. Não há, para as crianças, um sentido negociado com a professora, que faça a espera valer a pena: as crianças vivem a atividade de forma completamente diferente da desejada pela professora. Em termos práticos, primeiramente as crianças poderiam ter ido ao banheiro e a roda, posteriormente organizada para que a leitura pudesse prosseguir de forma contínua e significativa.

#### **5.4 Escolarização da criança pequena**

Em escolas de educação infantil é possível observar uma distinção entre os momentos dirigidos, momentos de cuidado, momentos de alimentação e momentos livres. Para as crianças dessa faixa etária, todos os momentos são igualmente importantes e configuram-se em situações de aprendizagem.. Entretanto, é comum que os momentos de atividade dirigida ou coordenada pelo professor sejam considerados mais importantes que os chamados

momentos livres, em que as crianças se agrupam, brincam ou resolvem problemas sem que estes tenham sido propostos pelo adulto, de forma coletiva. Um momento que explicita essa distinção entre momentos livres e momentos dirigidos, bem como a valorização do segundo tipo, pode ser observado no trecho abaixo.

Às 8h52 Tatiana diz que as crianças podem brincar no pátio enquanto ela organiza a brincadeira. Os pequenos correm para o pátio e brincam de correr. Tatiana pega um giz e faz duas linhas no chão enquanto Luana tira os casacos das crianças e pede que elas guardem nas suas respectivas mochilas. Às 8h56 Tatiana chama as crianças e pede que fiquem perto da linha branca. Luana demonstra o funcionamento do jogo juntamente com Tatiana. A brincadeira chama-se *Barra Manteiga*. O objetivo é que as crianças coloquem as duas mãos para frente com a palma da mão para cima, enquanto uma criança vai batendo em suas mãos e cantando a música. Quando a música acabar, a última criança a ter a mão batida deve correr atrás da criança que bate, que por sua vez deve chegar até a outra linha branca sem ser pega. Tatiana chama oito crianças para ficarem atrás da linha branca enquanto as outras permanecem sentadas próximas à parede. A impaciência das que estão sentadas a faz com elas se dispersem. Outras oito crianças realizam a brincadeira. A educadora percebe que as crianças estão se dispersando e resolve mostrar uma outra brincadeira. Ela relembra que depois da realização dessa atividade dirigida as crianças poderão brincar livremente no pátio. Às 9h13 Luana explica a outra brincadeira, denominada *Elefante Colorido* e começa a brincar. Às 9h22 algumas crianças estão desatentas e conversando e Tatiana resolve sair com doze crianças que não se comportaram durante a brincadeira, e vai para a sala. Luana permanece com dez crianças no pátio. Tatiana explica que não podia correr fora de hora explicando o motivo das crianças terem voltado para a sala e finaliza dizendo que o intuito do jogo era elas aprendessem uma brincadeira, mas não souberam ouvir (1º dia de observação).

A introdução dos primeiros jogos de regras pode ocorrer nessa fase, mas não se deve esperar que todas as crianças participem de forma igual das propostas. Aprender a jogar é um processo constante, e suas regras devem ser vivenciadas e incorporadas processualmente. Porém, mais uma vez, os processos e formas características do pensamento e da convivência infantis são desconsiderados. “Aprender” as regras do jogo se coloca como uma tarefa, inclusive na forma como a professora a organiza: alguns brincam, outros olham. Como seu comportamento não corresponde ao esperado pela professora, as crianças são repreendidas por “não saberem ouvir”, e perdem a chance de jogar.

Conforme Cavasin (2008), mesmo diferenciando-se das rotinas escolares no que diz respeito ao tempo de permanência das crianças na instituição – já que as creches oferecem período integral – e à faixa etária atendida, ainda assim a organização das rotinas das creches se construiu a partir do modelo escolar. Assim, nesse exemplo também fica evidente o quanto a organização da rotina dessa instituição pauta-se a partir da estrutura escolar tradicional, pois, como se pode observar na descrição acima, a educadora avisa as crianças que, após realizarem a brincadeira dirigida, poderão ter uma “hora livre”, como se fosse um intervalo entre uma aula e outra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão e análise dos dados levantados nos três dias de investigação na instituição deram origem a alguns indicadores para a reflexão sobre a questão da organização do espaço e do tempo numa instituição de Educação Infantil.

A flexibilidade do tempo não se apresenta como uma possibilidade cotidiana em nenhum momento nessa escola, visto que a rotina é continuamente rígida e invariável. Isto talvez justifique o fato de que o planejamento das atividades, pelas professoras, seja praticamente inexistente, já que o cotidiano é estruturado sobre atividades fixas.

Como consequência, há longos momentos de espera e pouquíssima implicação das crianças na organização do material, das brincadeiras e das rotinas, bem como pouca apropriação do espaço escolar pelas crianças.

As interrupções de atividades em que as crianças parecem participar ativamente ocorrem com frequência, demonstrando que, ao lado da rígida rotina institucional estabelecida, os tempos e necessidades infantis são praticamente invisíveis.

Com relação à organização do espaço, a sala do Maternal poderia ser mais atraente e bonita, considerando mais a participação das crianças na construção do ambiente, com marcas que atestassem sua apropriação, como: desenhos, mais brinquedos, objetos ao alcance de suas mãos. A escassez do material pode comprometer a qualidade do brincar uma vez que a imaginação, a fantasia e o diálogo entre as crianças não é valorizado. Parece ocorrer entre as crianças um sentimento de não pertencimento ao ambiente da sala, visto que as atividades realizadas nela são somente dirigidas, e as crianças não permanecem na sala para brincarem livremente.

O espaço externo poderia ser melhor aproveitado se a ele fossem acrescentados novos elementos que instigassem a curiosidade e o desejo de explorar novas experiências.

Há uma grande quantidade de atividades dirigidas, o que nos leva a refletir sobre a necessidade das crianças de poderem se expressar mais livremente e com menos interferências das educadoras em suas vivências. Parece haver poucas oportunidades para que os pequenos desenvolvam autonomia em suas brincadeiras e ideias.

Nesta instituição, apesar das boas condições de espaço, é possível perceber o quanto, ainda hoje, formas tradicionais de atendimento às crianças em creches ainda continuam a

prevalecer. A forma como os tempos são distribuídos e mesmo a maneira como as educadoras se dirigem às crianças e organizam as atividades para elas ainda estão fortemente centradas nos adultos. As diferentes ideias, os diferentes ritmos, os diversos tipos de imaginação, as muitas brincadeiras inventadas pelas crianças não são reconhecidas ou valorizadas pelas professoras, indicando a necessidade de uma reflexão sobre a criança como sujeito e sobre formas mais contemporâneas de trabalho na Educação Infantil, no sentido de qualificar o tempo que as crianças passam na instituição e os espaços a elas oferecidos para sua convivência diária.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BADINTER, E. **Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira Barbosa. **Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BONDIOLI, Anna (org.); GALDABINO, Eva **O tempo no cotidiano infantil: perspectivas de pesquisa e estudo de casos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL, Constituição. **Constituição Federal Brasileira de 1988**.

BRASIL, Lei nº 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96**, 1996.

CAVASIN, Rosane França. **A organização das rotinas com crianças de 0 a 3 anos e sua relação com o referencial curricular nacional para educação infantil – RCNEI**. Santa Catarina, 2008. Dissert. (mestr.) Universidade do Oeste de Santa Catarina, SC.

CERISARA, Ana Beatriz. O Referencial Curricular Nacional para a educação infantil no contexto das Reformas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 80, p. 329-348, 2002.

CONTI, L. D. & Sperb, T. M. (2001). **O brinquedo de pré-escolares: um espaço de ressignificação cultural.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17 (1), 59-67.

HORN, Maria da Graça de Souza. **Sabores, cores, sons, aromas. A organização dos espaços na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce.** Rio de Janeiro: Achime, 1995.

KUHLMANN JR., Moisés. O jardim de infância e a educação das crianças pobres: final do século XIX, início do século XX. In: MONARCHA, Carlos, (Org.). **Educação da infância brasileira: 1875- 1983.** Campinas, SP: Autores Associados, 2001. p. 3-30.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Educação pré-escolar no Brasil 1899-1922 exposições e congressos patrocinando a “assistência científica”.** São Paulo, 1990. Dissert. (mestr.) PUC – SP.

LIMA, Mayumi Souza. **A cidade e a criança.** São Paulo: Nobel, 1989.

LORDELO, E. D. R. & Carvalho, A. M. A. (2006). **Padrões de parceria social e brincadeira em ambientes de creches.** *Psicologia em Estudo*, 11 (1), 99-108.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: E.P.U., 1986.

MARIOTTO, Rosa Maria Marini. **Cuidar, educar e prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês.** São Paulo: Escuta, 2009.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S. (org). **Pesquisa social, teoria método e criatividade.** 21. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p.9-29.

OLIVEIRA, Z. M. R. **Creches: Crianças, faz de conta & Cia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

OLIVEIRA, Z. M. R. (org.). A construção dos ambientes de convivência e aprendizagem nas instituições de Educação Infantil. In: **O trabalho do professor na Educação Infantil.** São Paulo: Biruta, 2012 (no prelo).

OLIVEIRA, Z. M. R. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez Editora, 2002.



PROENÇA, Maria Alice de Rezende. **A rotina como âncora do cotidiano na Educação Infantil.** Revista Pátio Educação Infantil, Porto Alegre, n. 4, p.13-15, 04 abr. 2004.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para a educação infantil.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1998b.

RIZZO, Gilda. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento.** 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

## **ANEXO**

### **1 RELATO DAS OBSERVAÇÕES**

Nos relatos de observação a professora foi chamada de T. e a assistente de L. T. é formada em Pedagogia e trabalha na escola há oito anos. L. não é formada em Pedagogia e trabalha há 13 anos na escola. K. é professora do Jardim I e II e será citada algumas vezes nas observações bem como a coordenadora.

#### **1ª OBSERVAÇÃO (23 de maio de 2012)**

É uma quarta-feira, o dia está ensolarado e essa semana é a Semana Mundial do Brincar<sup>4</sup> na qual essa instituição participa.

---

<sup>4</sup>A Semana Mundial do Brincar acontece no mês de maio desde 1999 em mais de 30 países e tem como objetivo resgatar e incentivar o brincar na infância e trazer a reflexão sobre a importância da brincadeira como momento da criação cultural e humana.

7h30 - Os pais entram na escola e levam os filhos para as respectivas salas. Cada criança tira sua agenda da mochila, coloca em uma caixa destinada para as agendas e guarda a mochila na estante. As crianças que já guardaram a mochila na estante pegam livros que ficam em uma caixa ao alcance delas.

T. tira as juponas de algumas crianças que estão com dois ou mais casacos. T. coloca um edredom no chão para as crianças sentarem e verem os livros, pois está frio de manhã e a sala é muito gelada. Um menino escolhe um livro para T. contar. Uma menina chega, tira a agenda da mochila, fecha a mala e a guarda. T. faz a leitura do livro *O cão e seu reflexo* no chão, em roda. Enquanto isso L. ajuda as crianças que chegam a fazer o procedimento de rotina de tirar a agenda da mochila, e dá suporte para uma menina que não está conseguindo abaixar o cabo da sua mochila. Um menino chega, as crianças gritam seu nome e T. interrompe a história. T. retoma a história. Algumas crianças que estão na roda estão com outros livros nas mãos vendo outras histórias ou prestando atenção na história de T. Enquanto T. conta a história, L. arruma as cadeiras no refeitório com a ajuda de dois meninos.

7h45 – As crianças se dirigem para o refeitório sozinhas. Algumas sentam-se às mesas e outras ficam com T. na sala. L. realiza algumas trocas de lugar das crianças enquanto dois meninos brincam entre a sala e o refeitório. L. traz o café da manhã em uma bandeja.

7h49 – duas crianças chegam. L. as recepciona alertando que devem tirar a agenda da mochila e colocar na caixa. L. pergunta para o menino se ele estava doente e ele faz que sim com a cabeça e mostra a boca.

T. pega o menino que estava circulando pelo refeitório e o coloca sentado na mesa retangular. L. coloca dois pratos de bolacha no centro de cada mesa e cada criança pega uma bolacha e devolve o prato para o centro. Nesse momento, 17 crianças tomam café da manhã. T. senta-se em uma das mesas e alerta que as crianças estão gritando muito e que elas podem falar baixo e não gritar para conversar com o colega. T. também informa que o leite está quente e precisa esfriar um pouco para distribuir para as crianças.

7h57 – mais duas crianças chegam. T. as recepciona e relembra o procedimento de tirar a agenda da mochila e guardá-la na estante.

7h58 – mais três crianças chegam. T. fala novamente sobre o procedimento. Enquanto isso L. gerencia as três mesas no refeitório. T. pede a uma criança que volte para a sala e faça o procedimento de rotina da agenda. L. distribui o leite e alerta para as crianças que está quente.

8h02 – 22 crianças tomam café da manhã. As crianças que querem mais leite saem da mesa e vão à mesa de L. para ela servir mais leite. L. diz que acabou o leite e as crianças

colocam suas canecas na bandeja à medida que vão acabando de tomar o leite. O mesmo menino circula entre a sala e o refeitório.

A coordenadora entra em cena e pergunta ao menino onde está o grupo dele e pede que ele volte para o refeitório. T. leva a bandeja de canecas para a cozinha e as crianças começam a se levantar das mesas. Três crianças vão para a sala e começam a brincar. T. pede que as crianças levantem e arrumem as cadeiras na mesa.

8h15 – as crianças se aproximam de mim curiosas com o que estou fazendo.

8h17 – as crianças sentam na escada. Algumas mexem na estante de brinquedos e L. alerta que não pode correr na sala. L. coloca outro edredom e organiza a roda. L. coloca uma criança de cada vez nas extremidades dos edredons formando um círculo. T. brinca de *Elefante Colorido* com as crianças que estão sentadas na escada. T. diz “elefante colorido” e as crianças perguntam “que cor?”. T. fala uma cor e as crianças que tiverem essa cor na roupa vai sentar na roda que L. está organizando.

8h24 – L. coloca a última criança na roda. L. vê que um menino fez cocô na fralda e sai da sala para trocá-lo. T. levanta o braço e algumas crianças dizem que ela quer falar. T. diz bom dia e as crianças respondem. T. levanta a mão novamente e uma criança grita silêncio. Uma menina levanta a mão e T. passa a palavra para ela. A menina diz que tomou leite. Outra também diz que tomou leite. T. pergunta para as crianças do que elas brincaram ontem. Uma criança diz: “Coelhinho Sai da Toca”, e T. diz que essa brincadeira foi feita antes de ontem. Outra criança fala que brincaram de correr, de pular no pneu e de brincadeira de mão<sup>5</sup>. T. demonstra duas brincadeiras de mão realizadas no dia anterior. T. diz que mais tarde a turma do Jardim I e II vai brincar com a turma do Maternal I e II. T. diz que elas vão ao banheiro e depois vão brincar de Barra Manteiga. T. diz que vai esperar L. trocar o menino e enquanto isso vai cantar uma música. T. bate palma e faz gestos. Algumas crianças imitam. T. canta e bate palma e as crianças imitam. T. interrompe a música para arrumar a roda. T. volta para a roda e canta de novo a música. As crianças ficam animadas e a imitam.

8h34 – L. volta com o menino e senta com ele na roda. T. canta uma música da cobra e depois uma música do sapo. Um menino pede a música do jacaré.

*“Eu conheço um jacaré que gosta de comer. Esconde seus olhinhos  
senão o jacaré como seus olhinhos e o dedão do pé.”*

---

<sup>5</sup>Esse CEI entende por brincadeiras de mão as músicas cantadas em que em dupla as crianças brincam de movimentar as mãos e os braços. Podemos tomar como exemplo as músicas *Aranha Caranguejeira*, *Eu fui à China e Lengua, la lenga*.

8h40 – T. vai com os meninos ao banheiro enquanto L. fica na sala com as meninas. L. sugere a música do patinho e as crianças aceitam. L. canta. L. canta a música da minhoca. L. pergunta se as crianças querem a música dos cinco patinhos e as crianças dizem que sim.

*“Cinco patinhos foram passear além das montanhas para brincar.*

*A mamãe patinho chamou quáquáquá, mas só quatro patinhos voltaram de lá...”*

8h45 – T. chega com os meninos e chama as meninas para ir ao banheiro. Dois meninos pegam livro e L. pede que guardem. L. diz para as crianças sentarem no edredom e pergunta que música que elas querem cantar. As crianças dizem que querem a música do elefante.

*“O elefante queria voar, a mosca disse: ‘você vai cair’, o elefante teimoso voou, voou, voou e caiu. Tchibum”*

Depois L. canta a música da borboletinha:

*“Borboletinha, tá na cozinha fazendo chocolate para a madrinha. Poti, poti, perna de pau, olhou de vidro e nariz de pica-pau, pau, pau.”*

Meninos estão dispersos, conversando, andando pela sala enquanto que as meninas ficam sentadas no edredom e acompanham L. nas músicas.

8h52 – todas as meninas voltam com T. T. diz para as crianças que elas podem sair para brincarem lá no pátio. As crianças correm para o pátio. Um tempo depois um menino avisa que outro menino bateu a testa. L. vai ver. T. pega um giz e faz duas linhas no chão. L. tira os casacos das crianças e pede que elas guardem na mochila.

8h56 – T. chama as crianças e pedem que fiquem perto da linha branca. L. vai junto com elas para mostrar. T. pede que as crianças sentem perto da parede. Um menino fica brincando no parque. T. lembra o combinado de que na hora da brincadeira é para todos ficarem juntos e diz que depois elas vão brincar livremente no parque. T. chama oito crianças para ficarem atrás da linha branca. T. explica a brincadeira e canta a música *Barra Manteiga*. O objetivo é que as crianças coloquem as duas mãos para frente com a palma da mão para cima, enquanto, uma criança vai batendo em suas mãos e cantando a música. Quando a música acabar, a última criança a ter a mão batida deve correr atrás da criança que batia, que por sua vez deve chegar até a outra linha branca sem ser pega.

As outras crianças, que estão sentadas perto da parede começam a dispersar. T. arruma os brinquedos móveis do pátio (uma casinha e dois bancos) para organizar melhor a próxima brincadeira. As crianças correm de um lado para o outro. T. chama novamente todas elas

9h13 – L. explica a brincadeira do *Elefante Colorido*.

9h22 – T. vai com doze crianças que não se comportaram durante a brincadeira para a sala enquanto L. fica com dez crianças no pátio. L. explica que só é para correr quando a criança tiver a cor que ela falou. T. explica que não podia correr fora de hora. T. explica porque as crianças voltaram para a sala, diz que o intuito era elas aprenderem uma brincadeira, mas não souberam ouvir.

9h25 – L. volta com as dez crianças para a sala. L. pede para elas sentarem no pontinho amarelo<sup>6</sup> na roda. L. vê se o suco está pronto. Algumas crianças sentam enquanto outras brincam de brincadeira de mão. T. coloca um menino sentado para pensar. T. propõe que cantem uma música e pede para fazerem uma roda e dar as mãos. Algumas crianças fazem a roda e outras ficam dispersas brincando e conversando na sala.

9h29 – L. traz o suco e T. avisa as crianças que é hora do suco. Todas as crianças sentam na roda e T. diz que hoje as crianças estão muito difíceis, que elas não escutam as professoras. T. diz que as duas mãos devem estar desocupadas para pegar o suco.

9h33 – T. serve o suco para as crianças. Ela passa com a bandeja e as crianças pegam um copo. Quem quer mais suco levanta a mão e L. serve mais. As crianças que acabaram de tomar o suco colocam o copo na bandeja. O menino que T. colocou sentado para pensar agora toma o suco sozinho na mesa do refeitório. T. pede para ele levar o copo na cozinha.

9h40 – todos acabaram de tomar o suco e continuam na roda. T. pergunta do que elas querem brincar e uma criança diz que quer pular corda. T. diz que pode brincar à tarde. T. diz que a outra turma chamou essa turma para brincar junto. T. pede que cada criança escolha uma dupla, sente de frente para essa dupla com perna de borboleta e brinquem de brincadeira de mão. As crianças podiam escolher entre duas brincadeiras de mão. As crianças se dispersam. L. tenta ajudar as duplas. T. diz que o grupo está muito disperso e sugere brincar de *Constance* que é uma brincadeira de roda.

9h50 – T. canta a música.

9h51 – as crianças saem da sala e se dirigem para o pátio onde encontram o grupo dos maiores.

9h53 – os dois grupos fazem uma grande roda. A coordenadora diz que vão fazer uma brincadeira de mão. Uma educadora diz para uma criança maior ficar com uma menor para ensinar a brincadeira. As crianças fazem duas brincadeiras de mão. Depois algumas crianças maiores demonstram uma brincadeira de mão que os menores não conhecem. A educadora

---

<sup>6</sup> O pontinho amarelo, como é chamado por L. ou retângulo amarelo, como é chamado por T., são pequenos pedaços de cartolina amarela retangulares colados no chão no centro da sala, formando um círculo para as crianças sentarem nas atividades.

dos maiores propõe uma brincadeira de roda. As crianças junto com as educadoras cantam “*Abra a roda tindô lê lê*”. Depois cantam a música “*O camaleão*”. A coordenadora coloca o CD “*Abra a roda tindô lê lê*” que tem a música “*O camaleão*”. Um grande trem se forma e passeia pelo pátio.

10h08 – o CD continua tocando e as crianças dançam, cantam, pulam.

10h11 – a educadora diz que as crianças podem brincar no pátio e no parque. T. brinca na gangorra vai e vem e nos pneus com as crianças. As crianças imitam seu percurso.

10h19 – T. socorre uma criança que caiu. Algumas crianças circulam entre a sala, o refeitório e o parque.

10h23 – os menores começam a lavar as mãos. para almoçar. Algumas crianças bebem água.

10h28 – L. pega os pratos e os talheres e coloca na mesa retangular.

10h31 - T. sai com um menino para trocar a fralda. L. fica com todas as crianças que estão sentadas nas três mesas e explica que quando a criança quer repetir tem que levantar da mesa, arrumar sua cadeira e ir até a mesa retangular se servir. L. diz para as crianças escutarem a história dos brincos de ouro que está no CD “*Abra a roda tindô lê lê*” enquanto ela vai ver se o almoço está pronto. As crianças escutam a história.

10h40 – L. traz o almoço e tira um menino da mesa e coloca-o na mesa retangular sozinho.

10h41 – L. chama uma criança por vez e a serve. L. dá o prato com comida e pede para a criança pegar uma colher e sentar.

10h49 – todas as crianças estão servidas. T. volta com o menino e fica no refeitório vendo as crianças comerem e ajudando-as a comer. T. circula entre as mesas enquanto L. fica ajudando a servir a comida na mesa retangular.

10h55 – T. sai do refeitório e arruma os colchões na sala para a hora do descanso.

10h57 – a turma do Jardim I e II chega para almoçar.

11h – T. traz a sobremesa e pede para as crianças empilharem as cadeiras e encostarem na porta que faz a divisão entre o refeitório e a sala.

11h02 – as crianças saem do refeitório e vão comer a sobremesa no pátio. Elas sentam na grama enquanto L. fica com três crianças que ainda estão almoçando. T. pede para as crianças darem as mãos, fazerem uma roda e sentarem. T. diz que o sol está muito forte. Então chama as crianças para sentarem embaixo de uma árvore.

11h08 – L. chega com o último menino e se junta a T. e as crianças. T. corta a maçã ao meio e dá para as crianças enquanto L. sai para guardar o rádio na sala.

- 11h12 – L. volta.
- 11h22 – T. chama os meninos para irem ao banheiro e escovarem os dentes.
- 11h25 – os meninos saem do banheiro, tiram os sapatos, seguram os sapatos na mão e vão para a sala onde deixam os sapatos na escada. Na passagem do banheiro para a sala um menino bate em outro e T. diz que ele vai dormir com os maiores.
- 11h27 – as meninas vão ao banheiro com L. Na sala as crianças vão colocando os sapatos na escada. T. traz os cobertores. Uma música calma é colocada.
- 11h33 – T. começa a cobrir as crianças.
- 11h35 - as meninas começam a chegar à sala. T. cobre as meninas que estão deitadas e intercala uma menina e um menino.
- 11h37 – L. chega à sala.
- 11h38 – todas as crianças estão deitadas e com o cobertor.
- 11h40 – a porta de correr é fechada. A sala fica mais escura.
- 11h40 até 14h – descanso.
- 14h02 – L. começa a tirar os cobertores das crianças e dobrá-los. As crianças que vão acordando permanecem deitadas esperando todos acordarem.
- 14h10 – as educadoras tiraram todos os cobertores e vão guardá-los.
- 14h12 – L. fala para as crianças que estão acordadas para pegarem os sapatos e colocarem-nos no sol porque está frio. Algumas crianças continuam dormindo. T. abre as portas para entrar luz. L. ajuda as crianças no pátio a colocar os sapatos.
- 14h15 – T. coloca o CD “*Abra a roda tindo lê lê*” e L. vai até a sala chamar as crianças que acordaram.
- 14h17 – L. volta para o pátio enquanto T. empilha os colchões na sala.
- 14h19 – três crianças continuam dormindo. T. acende a luz enquanto L. vai com algumas crianças ao banheiro.
- 14h26 – L. pega o suco.
- 14h27 – L. distribui o suco, passando a bandeja para as crianças pegarem o copo.
- 14h33 – L. diz para as crianças voltarem para a sala e sentarem no pontinho amarelo para guardarem a agenda.
- 14h34 – aos poucos as crianças pegam a mochila e sentam no pontinho amarelo.
- 14h38 – todas as crianças sentam com a mochila que abrem para guardar a agenda. T. e L. distribuem as agendas. Um menino vai ao banheiro.
- 14h41 – L. sai da sala para acompanhar o menino ao banheiro.

14h42 – T. pede às crianças para guardarem as mochilas e depois voltar para a roda. Duas crianças pegam livros e T. diz que não é hora. As crianças guardam os livros. Outro menino vai ao banheiro.

14h46 – T. senta no chão e pede que as crianças sentem perto dela.

14h48 – T. pede que dois meninos contem aonde eles vêem luta e briga. Pergunta se é na televisão, em livro, em revista ou na rua.

14h50 – todas as crianças conseguem sentar no chão. Um menino diz que viu luta na televisão. A conversa é interrompida porque um menino bateu em uma menina. T pede para duas meninas trocarem de lugar. A conversa é retomada com um menino dizendo que a polícia mata as pessoas. T. questiona se a polícia mata ou prende as pessoas. T diz que tem muitas crianças batendo, chutando, socando e que não pode.

14h55 – T. mostra as figuras dos combinados. Mostra primeiro uma figura de uma menina empurrando um menino e lembra que não pode bater e empurrar o amigo. T. mostra outra figura de duas crianças conversando dizendo que tem que conversar e não gritar.

15h01 – T. levanta da roda e diz que vai brincar de roda lá no pátio.

15h03 – L. consegue montar a roda e pede para as crianças sentarem. Um menino brinca no parque. T. pega o menino que dormiu com os maiores e o traz de volta para o grupo.

15h05 – T. brinca de *Corre Cotia* com as crianças.

15h18 – as crianças se cansam de brincar e T. pergunta do que as crianças querem brincar. Uma menina diz que quer brincar com os brinquedos da sala e T. consente. As crianças vão para a sala e escolhem um brinquedo e voltam para o pátio.

15h23 – as criança maiores chegam ao pátio e brincam com os menores.

15h32 – as crianças guardam os brinquedos na sala e ajudam L. a colocar as cadeiras nas mesas.

15h34 – as crianças sentam-se às mesas. L. pega os pratos e T. chega.

15h37 – o Jardim I e II também janta nesse horário. T. distribui os pratos nas mesas e L. passa colocando a comida.

15h55 – as crianças que terminaram de comer levam o prato para a bandeja e vão brincar na sala.

15h57 – T. entra na sala e fica com as crianças que acabaram de comer. As crianças ajudam a empilhar as cadeiras e T. faz uma roda com as crianças que estão na sala.

15h59 – todas as crianças sentam no chão com T e ela dá três opções para as crianças brincarem: lego, bolinhas ou história. As crianças escolhem bolinhas. T. pega as bolinhas. Algumas crianças levantam.



16h01 – uma menina faz xixi na calça. L. pega a mochila para trocar a calça da menina.

16h03 – T. diz que só vai dar as bolinhas quando todos estiverem sentados.

16h04 – T. dá as bolinhas e as crianças brincam de jogar a bolinha para o alto, de chutar a bolinha.

16h – 16h30 – saída. A coordenadora vai à sala e chama as crianças conforme os pais vão chegando.

## **2ª OBSERVAÇÃO (30 de maio de 2012)**

O dia também está ensolarado, novamente é uma quarta-feira. Hoje é o Dia do Desafio e haverá uma apresentação de circo das crianças do CEC para o CEI e para a escola de ensino fundamental.

7h32 – o portão é aberto e as crianças se dirigem para as suas respectivas salas.

7h37 – as crianças sentam espontaneamente na escada com livros que pegaram na caixa. Um menino que está sentado no chão grita o nome do menino que acabou de chegar. Uma menina ajuda L. a colocar as cadeiras em volta das mesas para o café da manhã. As crianças que estão sentadas na escada escutam uma história de um CD atentas. Nesse momento L. está sozinha com 13 crianças.

7h40 – a menina acabou de colocar todas as cadeiras em volta da mesa e avisa L. que nesse momento está na sala.

7h44 – L. brinca com duas meninas de pular uma corda imaginária. Três meninos brincam de fazer o som do leão e “brigam”.

7h45 – L. limpa as mesas e algumas crianças sentam-se às mesas enquanto outras ficam na sala. L. avisa que é hora do café da manhã e continua limpando as mesas.

7h47 – dois meninos continuam na sala olhando a caixa das agendas e dizendo qual agenda é de quem.

7h48 – a coordenadora chega para ajudar L., pois T. chegará mais tarde. A coordenadora encaminha os dois meninos que estavam na sala para o refeitório. L. pergunta

se alguma criança quer ajudar a servir as bolachas e uma menina se habilita. A menina coloca o prato de bolacha em cima de uma das mesas redondas e senta.

7h52 – duas crianças chegam à escola, tiram a agenda da mochila e guardam a mochila na estante. As crianças do Jardim I e II tomam café junto com as crianças do Maternal I e II e K. (a educadora do Jardim) ajuda L.

7h55 – duas meninas chegam à sala e fazem o mesmo procedimento de tirar a agenda da mochila.

7h57 – mais três crianças chegam à sala e realizam o mesmo procedimento. Um menino diz para uma menina onde é para colocar a agenda.

7h59 – 19 crianças tomam café. L. serve o suco e K. auxilia L. As crianças que vão finalizando o suco deixam o copo na bandeja.

8h03 – um menino derruba o suco e L. pede para ele pegar um pano e limpar a mesa.

8h09 – as meninas vão ao banheiro com L. enquanto os meninos permanecem sentados nas mesas com K.

8h11 – a coordenadora chega ao refeitório e leva os meninos ao banheiro.

8h15 – os meninos se encaminham para a sala e a coordenadora pede que eles se sentem no pontinho amarelo localizado no chão da sala.

8h17 – as meninas voltam para a sala e sentam no pontinho amarelo. L. arruma a roda trocando crianças de lugar para que não fiquem juntas duas crianças que bagunçam.

8h19 – L. e as crianças cantam a música do *Bom dia*. Depois duas crianças levantam a mão para falar. Uma menina pede a música da *Borboleta* e um menino a música do *Jacaré*.

8h21 – todos cantam a música do *Jacaré*. Ao todo há 21 crianças. Faltou apenas uma criança. Depois cantam a música da *Borboletinha*. L. diz que quer a música do *Elefante* e as crianças cantam. Depois cantam a música do trem, a música do peixe, a música do boi...

Música *Puxa o boi*:

*Puxa o boi, mané puxa o boi*

*No subir da ladeira, mané puxa o boi*

*Puxa o boi, mané puxa o boi*

*No subir da ladeira, mané puxa o boi*

*No caminho da roça, tem maracujá*

*Mas não tem maduro pra meu bem chupar*

*As pombinhas voam, eu também quero voar  
Os pezinhos pelo chão, as asinhas pelo ar  
Dona Mariquinha rodei, Dona Mariquinha rodá...*

*Música: A linda rosa juvenil  
A linda rosa juvenil, juvenil, juvenil  
A linda rosa juvenil, juvenil  
Vivia alegre em seu lar, em seu lar, em seu lar  
Vivia alegre em seu lar, em seu lar  
E um dia veio uma bruxa má, muito má, muito má  
Um dia veio uma bruxa má, muito má  
Que adormeceu a rosa assim, bem assim, bem assim  
Que adormeceu a rosa assim, bem assim  
E o tempo passou a correr, a correr, a correr  
E o tempo passou a correr, a correr  
E o mato cresceu ao redor, ao redor, ao redor  
E o mato cresceu ao redor, ao redor  
E um dia veio um belo rei, belo rei, belo rei  
E um dia veio um belo rei, belo rei  
Que despertou a rosa assim, bem assim, bem assim  
Que despertou a rosa assim, bem assim  
Batemos palmas para o rei, para o rei, para o rei  
Batemos palmas para o rei, para o rei*

Na música da *Linda Rosa Juvenil*, L. propõe um teatrinho com as crianças. Chama três crianças para fazerem os personagens da bruxa, da princesa e do rei. As crianças ficam animadas e com a ajuda de L. encenam a música conforme as outras crianças cantam.

8h36 – a coordenadora levanta e todas as crianças fazem o mesmo, começando a correr e a gritar pela sala. L. diz para fazerem uma brincadeira de mão. L. e a coordenadora arrumam as crianças em pares e L. coloca o CD “*Abra a roda tindô lê lê*” na música *Aranha Caranguejeira*. As crianças batem as mãos com as suas duplas e depois a coordenadora desliga o CD. L. diz para as crianças que vão brincar de massinha. As crianças se animam e começam a gritar.

8h41 – as crianças vão sentar nas mesas do refeitório enquanto L. e a coordenadora limpam as mesas. As crianças dizem “massinha, massinha” animadas.

8h43 – a coordenadora distribui a massinha enquanto L. vai cortando a massinha em pequenos pedaços. L. diz que vai brincar com eles e senta em uma das mesas. A maioria das crianças faz minhocas com a massinha e mostra para L. dizendo “olha que cobrona”. A coordenadora sai do refeitório.

8h50 – a coordenadora volta para o refeitório e avisa as crianças que depois do descanso da tarde, farão uma atividade com dois educadores do ensino fundamental e depois vão ver um espetáculo do CEC.

L. interage muito com as crianças. Faz objetos, animais, canta música. L. tira o casaco das crianças que estão com dois agasalhos. As crianças sempre mostram para L. o que fizeram com a massinha. L. coloca um menino sentado na sala, pois esse mordeu uma criança e diz que ele perdeu o direito de brincar de massinha.

9h – uma criança joga massinha no chão e L. diz para ela pegar. A criança pega e senta na cadeira novamente. Duas meninas brincam que a massinha é um telefone e conversam entre si. L. avisa as crianças que vai à cozinha ver se o suco está pronto. As crianças conversam, brincam, imaginam, interagem e outras ficam concentradas no seu trabalho com a massinha.

9h09 – L. chama o menino que estava na sala e diz para ele ver o rosto do amigo que ficou marcado com a mordida dele.

9h12 – uma menina brinca de falar ao telefone. L. distribui palitos de sorvete para as crianças brincarem junto com a massinha. Um menino diz: “vou fazer um sorvete gostoso”. Algumas crianças usam o palito como faca, outras usam como vela e fazem bolo com a massinha, outras fazem pirulito. As crianças cantam parabéns para uma menina que está na mesma mesa.

9h22 – L. avisa que daqui a pouco vai guardar a massinha e limpar a mesa para tomar o suco.

9h26 – L. diz para as crianças colocarem os palitos no potinho e a massinha no saquinho plástico. L. pergunta se tem massinha no chão e as crianças pegam os pedaços de massinha do chão. As crianças levantam das mesas e ficam agitadas. Entram na sala, mexem no interruptor.

9h29 – L. diz para brincar no pátio perto da casinha móvel. Duas crianças ajudam L. a arrumar as mesas e a limpar. Algumas crianças brincam na casinha enquanto outras mexem

no peso que segura a lona para cobrir os tanques de areia. Duas crianças usam os pesos para montar como se fossem cavalos e colocam um atrás do outro como se estivessem num trem.

9h33 – L. traz um tambor de panos e tecidos. As crianças pedem para eu fazer uma capa. Coloco o pano nas costas e amarro no pescoço.

9h38 – as crianças brincam com as capas pelo pátio e pelo parque. Uma menina coloca um avental. Algumas crianças brincam nos pneus do parque.

9h41 – a coordenadora traz o suco e L. chama as crianças para tomar o suco. Uma menina continua limpando o refeitório e arrumando as cadeiras.

9h43 – As crianças sentam encostadas na parede e L. passa com a bandeja de suco. Cada criança pega um copo e L. diz que quem for acabando pode ir brincar. As crianças devolvem o copo na bandeja. Um menino continua brincando no parque.

9h45 – o menino que estava brincando no parque vem tomar suco. T. chega.

9h47 – um menino chega chorando e L. diz para ele sentar na escada do refeitório que ela vai chamar o menino que o machucou. Uma menina chora dentro da casinha. L. conversa com o menino que bateu no outro e os meninos se abraçam. T. varre o refeitório e algumas meninas ajudam a empilhar as cadeiras. Algumas crianças tiram os casacos e guardam na sala.

9h55 – quatro crianças brincam no playground. A coordenadora as chama, dizendo que não é para brincar lá e sim no pátio. L. tira o agasalho de mais crianças. T. continua varrendo. Um menino diz, ao estender o pano no chão do pátio: “eu vou fazer a minha caminha” e deita no pano. Quatro crianças correm em fila enquanto um menino coloca a cabeça no pano como se estivesse dormindo. Uma menina diz “filhinho” para o menino acordar. Algumas crianças brincam de trem no refeitório.

10h06 – T. traz as cadeiras para o pátio para as crianças brincarem de trem. As cadeiras são colocadas uma atrás da outra. L. pergunta o que as crianças estão fazendo e elas respondem “é um trem”. Doze crianças brincam de trem e L. fala para elas cantarem a música do trem. Mais duas crianças vem brincar de trem.

10h13 – nove crianças do Jardim I e II fazem uma atividade dirigida com uma das educadoras no parque.

10h20 – L. sai para trocar a fralda de um menino. T. diz que é hora do almoço e pede para as crianças levarem as cadeiras de volta para o refeitório e guardar os panos no tambor. Algumas crianças empilham as cadeiras e outras levam uma por uma.

10h26 – as crianças escolhem um lugar e sentam nas mesas do refeitório.

10h27 – L. volta com o menino. Algumas crianças lavam as mãos com T. e secam na toalha.

10h30 – T. chama mais crianças para lavar as mãos. Uma menina belisca um menino e T. pede para o menino levar a menina para lembrar do combinado que não pode bater e nem beliscar.

10h37 – T. diz que as crianças perderam o direito de falar porque o combinado é falar e não gritar. T. vai à sala e pega as figuras do que não pode fazer e mostra para as crianças.

10h38 – L. vai chamando as crianças para se servirem e L. e T. ajudam as crianças.

10h46 – T. vai para a sala arrumar os colchões.

10h51 – T. volta para o refeitório. As crianças que acabaram de comer colocam o prato na bandeja.

11h – L. serve a sobremesa.

11h02 – L. sai do refeitório para trazer os cobertores para a sala. Muitas crianças repetem a sobremesa.

11h06 – o grupo do Jardim I e II chega para almoçar.

11h15 – T. fala para as crianças que estão na mesa com cadeiras azuis para empilharem as cadeiras e sentarem perto do banheiro.

11h16 – metade do grupo vai em direção ao banheiro, mas encontra o jabuti no pátio e sentam em volta dele. L. diz para as crianças irem ao banheiro. A outra metade chega para ver o jabuti.

11h17 – metade do grupo vai com L. escovar os dentes.

11h19 – T. chega com a última criança e fica com metade do grupo vendo o jabuti. T. chama as crianças para fazerem xixi e escovarem os dentes.

11h25 – as crianças que já foram ao banheiro sentam no corredor e brincam de brincadeira de mão com T.

11h28 – a primeira turma de L. chega à sala. As crianças tiram os sapatos, colocam na escada e escolhem um colchão para deitar.

11h30 – L. liga o som. Uma menina vomita e L. cuida da menina. Todas as crianças que foram com L. ao banheiro estão cobertas.

11h36 – L. escreve nas agendas enquanto a metade da turma está deitada.

11h41 – as crianças da turma de T. começam a chegar à sala.

11h44 – T. chega à sala. Hora do descanso. L. vai ao médico e não volta mais hoje.

13h50 – T. e K. tiram os cobertores das crianças e dobram.

14h – um menino faz xixi na roupa e a educadora troca sua roupa. T. abre as janelas e algumas crianças já estão acordadas. As crianças pegam os sapatos, colocam e esperam na escada do refeitório. Uma menina ajuda T. a acordar as outras crianças.

14h06 – K. pega o suco e distribui para as crianças que estão na escada. Algumas crianças saem para fazer xixi. T. ajuda as crianças a colocarem os sapatos na escada da sala. K. ajuda outras crianças a amarrarem os sapatos.

14h12 – T. vai para o refeitório. A coordenadora chega para ajudar. As crianças que já fizeram xixi voltam para a sala e sentam no chão no retângulo amarelo. K. ajuda a organizar a roda. A coordenadora troca o menino que usa fralda e volta para a sala.

14h17 – a coordenadora conta para as crianças que elas vão ver o espetáculo no circo.

14h24 – as crianças se dirigem para a quadra.

14h29 – as crianças estão todas sentadas na arquibancada da quadra. Os educadores do ensino fundamental preparam um circuito enquanto as crianças esperam. Um educador fica com o Maternal I e II em uma metade da quadra e o outro com o Jardim I e II na outra metade.

14h36 – as crianças do Maternal I e II fazem duas filas. Duas crianças por vez fazem o circuito. Esse consiste em colocar a bola em cima do cone, passar por cima do banco, passar por baixo de outro banco, girar no emborrachado e por fim se equilibrar na corda que está no chão. O educador e T. demonstram o percurso.

14h42 – duas crianças fazem o percurso com a ajuda dos educadores.

14h43 – mais duas crianças fazem o percurso.

14h44 – mais duas crianças fazem o percurso.

14h51 – as crianças se dispersam. Correm pela quadra. T. chama a atenção delas e pede que se sentem.

14h55 – todas as crianças fazem o circuito juntas. As crianças brincam livremente com os objetos. Batem corda e brincam no emborrachado.

15h01 – as crianças saem da quadra e esperam na grama perto do circo.

15h05 – o grupo do Maternal I e II e do Jardim I e II se dirigem para o circo e sentam-se no chão.

15h20 – algumas crianças do ensino fundamental chegam.

15h22 – começa o espetáculo.

15h42 – as crianças saem do circo antes do espetáculo acabar, pois estão atrasadas para o jantar.

15h46 – todas as crianças chegam ao refeitório e sentam para jantar. T. serve as crianças. Elas estão atrasadas. Situação caótica. Algumas peruas e alguns pais chegam às 16h. As educadoras apressam as crianças para comer. As crianças que querem repetir se servem sozinhas. Algumas crianças saem das mesas.

16h01 – T. pede para as meninas pegarem as mochilas. As crianças entram na sala e cada uma pega sua mochila.

16h03 – as crianças estão sentadas no pontinho amarelo e T. entrega as agendas. Algumas crianças vão embora. K. sai com um menino para trocar a fralda.

16h06 – as crianças guardam a mochila na estante e T. diz que vai contar uma história. Uma mãe entra com um cachorro na sala e as crianças ficam em volta dele.

16h10 – o cachorro vai embora.

16h11 - todos sentam em volta de T. Ela dá duas opções de livros. Eles escolhem a história que se chama “*A peleja de Chapeuzinho Vermelho com o Lobo Mau*”.

16h12 – T. começa a história. A história é interrompida porque três crianças vão embora. T. continua a história. Uma menina vai embora e a história recomeça. Um menino quer ler a história para as crianças e T. deixa o menino ler.

16h21 – mais crianças vão embora. Restam duas crianças. Chega a mãe da penúltima criança. T. continua a história. Enquanto a coordenadora fecha as portas que dão para o refeitório, K. chega à sala e interrompe novamente a história. A menina conversa com T. sobre o que mais gostou no espetáculo. A menina diz que quer contar a história para T. A menina conta a história.

16h30 – a mãe da menina chega.

### **3ª OBSERVAÇÃO (06 de junho de 2012)**

Hoje está chovendo, está frio e novamente é quarta-feira. T. está roca.

7h33 – o portão é aberto. T. recepciona as crianças e elas fazem o procedimento de guardar as agendas na cestinha e colocar as mochilas na estante. T. coloca dois edredons no chão.

7h36 – L. chega e algumas crianças a ajudam a abrir as portas que dão para o refeitório. As crianças levantam os pinos das portas. T. ganha um desenho de uma menina e pergunta se ela pode pendurar no mural. A menina diz que sim.



7h40 – as crianças arrumam as cadeiras nas mesas do refeitório para o café da manhã. T. chama as crianças para sentarem nas mesas e L. fala que vai pegar o pano para limpar as mesas. Dois meninos disputam uma cadeira que está no meio deles. Eles querem se livrar dela e ficam empurrando a cadeira para o outro. Um dos meninos cansa de empurrar a cadeira e resolve colocar a cadeira na mesa retangular. T. olha as agendas enquanto o café da manhã não fica pronto.

7h46 – um menino chega e T. o recepciona. Um menino pergunta a L. “cadê o sol?” e L. responde “o sol está dormindo”. T. completa dizendo “o sol está acima das nuvens”.

7h52 – mais dois meninos chegam.

7h53 – a turma do Jardim I e II chega para tomar café. Um menino tenta guardar sua mochila na estante. T. guarda a cestinha das agendas. Dois pratos de bolacha são colocados em cada uma das mesas.

7h57 – há 14 crianças do Maternal I e II. Uma menina vai ao banheiro.

8h – cinco crianças chegam e realizam o procedimento da agenda. Um menino anda pela sala.

8h09 – T. distribui a bebida. Agora há 19 crianças.

8h18 – o grupo do Jardim I e II sai do refeitório. Um menino tira a touca de uma menina e vai em direção a mochila dela guardar a toca, pois L. havia dito que era para guardar as toucas. A menina vai atrás dele, pega a touca e coloca novamente na cabeça.

8h22 – as crianças saem do refeitório e vão para a sala com L. As crianças ficam em volta dos edredons colocados perto da estante das mochilas. L. organiza a roda em volta dos edredons.

8h26 – L. canta a música do *Bom dia*. Depois uma criança pede a música da *Chapeuzinho Vermelho*. T. sai da sala e vai pegar alguns livros no mezanino. L. diz que vai cantar algumas músicas de festa junina.

8h34 – T. diz que ontem brincaram de *Chicotinho Queimado* e diz que hoje vai contar a história de um menino que se chama Volpi. Ela diz que esse menino gostava de duas coisas: de festa junina e de brincar.

8h44 – uma menina vai ao banheiro e um menino diz que também quer ir. T. interrompe a história e diz para as meninas irem ao banheiro com L. T. conversa com os meninos sobre Volpi.

8h47 – T. vai ao banheiro com os meninos e deixa na sala um menino que bagunçou.

8h51 – os meninos e as meninas voltam. A roda é refeita.

8h56 – T. diz para as crianças sentarem no edredom. Um menino corre pela sala.

8h59 – T. recomeça a história. Depois de contar T. mostra duas pinturas de Volpi. Um quadro se chama *Festa de São João*. As crianças estão dispersas. T. diz que Volpi não pintava com as mãos e sim com o pincel e que agora as crianças farão pintura e que não é para sujar as mãos.

9h19 – as crianças correm pela sala e pelo refeitório. L. vai buscar as tintas. Um menino corre com um livro e T. diz para ele guardar. T. tira os casacos das crianças e diz para cada criança juntar duas cadeiras para sentar na grande mesa de pintura localizada no refeitório.

9h21 – L. chega com as tintas. L. e T. colocam plásticos nas mesas. T. juntou três mesas para fazer a grande mesa. T. organiza as crianças e coloca plástico onde não há.

9h25 – L. traz o suco. As crianças batem com as mãos na mesa. L. avisa que vai passar o suco e que quem acabar não é para levantar porque ela vai buscar o copo da criança no lugar. T. continua arrumando as mesas. Ela coloca fita crepe nos plásticos para eles não mexerem. L. arregança as mangas dos casacos das crianças. As crianças gritam: “pincel, pincel”. L. leva a bandeja para a cozinha e T. pega os pratinhos de plástico para colocar as tintas e dobra as cartolinas para cortar do formato das bandeirinhas.

9h37 – T. dá a bandeirinha para as crianças que estão em silêncio. T. continua cortando as bandeirinhas. Depois de um tempo T. distribui mais bandeirinhas enquanto L. coloca as tintas nos pratinhos.

9h46 – T. distribui os pincéis. L. continua colocando tinta nos pratinhos. T. explica novamente que não é para colocar a mão na tinta e que o pratinho é para ficar o centro da mesa.

9h50 – T. e L. distribuem as tintas. As cores são: amarelo, azul, verde, vermelho, preto e branco. Depois de um tempo L. troca os pratinhos para que todas as crianças possam usar todas as cores.

A coordenadora vai ao refeitório ver o que as crianças estão fazendo e fecha a porta da sala do Maternal I e II que dá acesso ao refeitório.

9h59 – T. começa a lavar as mãos das crianças que acabaram de pintar as bandeirinhas. L. leva as bandeirinhas para a escada da sala para secar.

10h03 – T. chama as crianças para irem à brinquedoteca. Algumas crianças lavam as mãos e duas continuam pintando. Um menino leva a sua bandeirinha para a escada da sala.

T. diz que todos devem ajudar a guardar os brinquedos quando for a hora. T. sai com um menino para lavar a mão dele. Algumas crianças brincam de boneca, outras de avião, outras com bichos de plástico.

10h07 – T. volta para a sala com o menino. Uma menina vai ao banheiro. T. ajuda a limpar a menina. Duas meninas brigam e T. conversa com elas. As crianças gritam muito. Um menino derruba a estante de plástico em que fica os brinquedos e T. pede que ele arrume.

10h21 – T. apaga as luzes para as crianças escutarem ela, pois está roca e diz que é hora de guardar os brinquedos. As crianças não querem guardar. Uma menina passa um mata-moscas suavemente na cabeça das crianças e diz: “hora de guardar o brinquedo”. L. continua no refeitório arrumando as mesas.

10h29 – T. arruma as crianças nas mesas intercalando menino e menina.

10h31 – L. traz a comida. T. diz que não é para falar na hora do almoço que é só para comer. Alerta que dentro da brinquedoteca não dá para gritar porque a sala é pequena, mas que no pátio e no parque as crianças podem gritar.

10h34 – L. chama uma criança por vez para servir a comida. T. coloca o menino mais novo na mesa retangular e muda outro menino de mesa.

10h40 – todas as crianças estão almoçando. Um menino coloca comida no prato de outra criança e T. diz que não é para fazer isso.

10h51 – T. distribui a sobremesa.

10h56 – a turma do Jardim I e II chega para o almoço.

11h05 – as crianças saem do refeitório e vão ao banheiro com T. As crianças que ainda estão comendo vão depois com L.

11h09 – as crianças que já foram ao banheiro vão para a sala. As crianças que chegam à sala tiram os sapatos, escolhem um colchão, deitam e L. as cobre com os cobertores.

11h13 – T. chega à sala. L. coloca música. A coordenadora entra na sala e guarda as toalhas de rosto que as crianças usaram para secar as mãos.

11h19 – T. apaga a luz e a música permanece.

11h20 – descanso.

14h30 – L. começa a tirar os cobertores e T. ajuda. T. troca um menino que fez xixi na roupa enquanto L. empilha os colchões. As crianças vão colocando os sapatos e algumas pegam livro. L. ajuda outro menino que fez xixi na roupa.

14h46 – T. diz para sentarem no retângulo amarelo. T. amarra os sapatos de duas crianças.

14h48 – L. traz o suco. T. diz para as crianças que não foram ao banheiro irem.

14h51 – T. distribui o suco. As crianças que acabaram deixam o copo na bandeja.

14h57 – todas as crianças acabam de tomar o suco e brincam na sala.

15h – L. coloca as mochilas nos retângulos amarelos. As crianças sentam perto das suas respectivas mochilas. L. distribui as agendas e as crianças vão guardando na mochila. Enquanto isso T. entrega as toalhas de rosto, pois amanhã será feriado. Toda sexta-feira as crianças levam as toalhas para lavar.

15h05 – algumas crianças continuam guardando as agendas e as toalhas, e outras guardam as mochilas na estante.

15h06 – T. coloca um CD. As crianças se agitam.

15h09 – T. diz para fazer uma roda e ela está com um chapéu de palha na cabeça. T. organiza a roda.

15h11 – T. relembra da história do Mateus e da Catirina que K. contou para eles há alguns dias. T. diz que vai colocar a música do coco para as crianças dançarem. T. dança com as crianças. T. interrompe a música e diz que a dança do coco não é para abraçar o amigo e sim para dançar em roda.

15h21 – T. pausa a música e diz para todos fazerem a roda novamente. L. tira duas crianças da sala que estavam bagunçando e as coloca sentadas no refeitório.

15h24 – T. ensina para as crianças uma brincadeira de passar o chapéu para o amigo do lado. Quem ficar com o chapéu quando ela der “pause” sai da brincadeira.

15h26 – L. vai para o refeitório arrumar as cadeiras para o jantar. As crianças sentam nas mesas do refeitório.

15h31 – L. pega a comida. T. faz os pratos e chama as crianças para pegá-los.

15h48 – todos estão servidos. T. passa pelas duas mesas vendo se as crianças precisam de ajuda. L. pede para uma criança que já acabou de comer para levar o prato de salada para a cozinha. A mesma menina também leva o prato de frango.

15h51 – as crianças saem das mesas e correm pela sala. T diz para empilharem as cadeiras e lavarem as mãos. T. ajuda as crianças a lavarem as mãos e a boca. L. entra na sala e diz para as crianças colocarem os casacos. L. ajuda a colocar os casacos. T. entra na sala. T. pergunta quem vai assistir ao filme. As crianças respondem “eu!”. T. diz para as crianças sentarem perto de L.

16h – L. chama uma criança por vez e pede que a criança pegue a mochila e vá para a brinquedoteca. As crianças sentam no chão da brinquedoteca e assistem ao filme *Hop*. Algumas crianças pegam brinquedos.

16h06 – L. chega à sala e a coordenadora chama um menino para ir embora. T. sai da sala com um menino para trocar a fralda.

16h09 – cinco crianças vão embora de perua.

16h11 – mais três crianças vão embora de perua. Restam sete crianças na sala.

16h15 – mais três crianças vão embora.

16h18 – mais duas crianças vão embora. Resta uma criança.

16h21 – a última criança vai embora.

## **2 TABELAS**

As tabelas abaixo foram organizadas a partir das observações realizadas e são um instrumento importante para compreender a rotina dessa instituição de educação infantil no que se refere a sucessão de acontecimentos, ao ritmo e a distribuição ao longo do dia. Elas podem servir eventualmente para consulta e para aprofundamento em determinado assunto abordado neste artigo. A terminologia usada nas tabelas foi baseada nas pesquisas de Bondioli (2004) que pode ser consultada em seu livro.

Tabela 1: dia 23 de maio

NE	HORA	DE	ATIVIDADE	ESPAÇO	PARTICIPANTES	MSD	MG
1	7h30	7	Recepção + livros	Sala	2 educ. + pais* + crianças Maternal	Livre	Inter + Auto
2	7h37	8	História + recepção	Sala	2 educ. + pais* + crianças Maternal	Grupo	Dir + Inter
3	7h45	30	Café da manhã + recepção	Sala + Refeitório	2 educ. + todas as crianças + 2 educ.'	Grupo	Auto + Inter
4	8h15	10	Organizacional	Sala	2 educ. + 22 crianças	Grupo	Inter
5	8h25	15	Roda de conversa	Sala	1 educ. + 21 crianças	Grupo	Dir
6	8h40	12	Brincadeira dirigida + higiene	Sala + Banheiro	2 educ. + 22 crianças	Dois grupos	Dir + Inter
7	8h52	30	Brincadeira dirigida	Pátio	2 educ. + 22 crianças	Grupo	Dir
8	9h22	3	Transição	Sala	2 educ. + 22 crianças	Grupo	Inter
9	9h25	8	Organizacional	Sala	2 educ. + 22 crianças	Grupo	Dir
10	9h33	7	Suco	Sala	2 educ. + 22 crianças	Grupo	Auto
11	9h40	11	Brincadeira dirigida	Sala	2 educ. + 22 crianças	Grupo	Dir
12	9h51	17	Brincadeira dirigida	Pátio	2 educ. + 2 educ.' + 1 coord. + todas as crianças	Grupo	Dir
13	10h08	15	Brincadeira livre	Pátio	2 educ. + 2 educ.' + 1 coord. + todas as crianças	Livre	Auto
14	10h23	39	Almoço	Refeitório	2 educ. + 22 crianças	Grupo	Inter
15	11h02	20	Almoço	Pátio	1 educ. + 22 crianças	Grupo	Inter
16	11h22	3	Almoço + higiene	Pátio + Banheiro	2 educ. + 22 crianças	Dois grupos	Inter
17	11h25	13	Higiene + descanso	Banheiro + Sala	2 educ. + 22 crianças	Dois grupos	Inter
18	11h38	144	Descanso	Sala	2 educ. + 22 crianças	Individual	Auto
19	14h02	10	Despertar	Sala	2 educ. + 22 crianças	Individual	Inter
20	14h12	7	Transição	Sala + Pátio	2 educ. + 22 crianças	Grupo	Auto
21	14h19	7	Transição + higiene	Sala + Pátio + Banheiro	2 educ. + 22 crianças	Grupo	Auto
22	14h26	7	Transição + suco	Sala + Pátio	2 educ. + 22 crianças	Grupo	Inter
23	14h33	5	Transição	Sala	2 educ. + 22 crianças	Grupo	Inter
24	14h38	12	Atividade de rotina	Sala	2 educ. + 21 crianças	Grupo	Dir
25	14h50	11	Roda de conversa	Sala	2 educ. + 21 crianças	Grupo	Dir
26	15h01	17	Brincadeira dirigida	Pátio	2 educ. + 22 crianças	Grupo	Dir
27	15h18	5	Brincadeira livre	Pátio + Sala	2 educ. + 22 crianças	Livre	Auto
28	15h23	9	Brincadeira livre	Pátio + Sala	2 educ. + todas as crianças + 2 educ.'	Livre	Auto
29	15h32	23	Jantar	Refeitório	2 educ. + todas as crianças + 2 educ.'	Grupo	Inter
30	15h55	4	Jantar + transição	Refeitório + Sala	2 educ. + todas as crianças + 2 educ.'	Grupo	Inter
31	15h59	31	Brincadeira livre + Despedida	Sala	2 educ. + 22 crianças	Livre	Auto
	16h30						

**Tabela 2:** dia 30 de maio

NE	HORA	DE	ATIVIDADE	ESPAÇO	PARTICIPANTES	MSD	MG
1	7h32	13	Recepção + Brincadeira livre	Sala	1 educ. + pais* + crianças Maternal	Livre	Inter
2	7h45	24	Café da manhã + Recepção	Refeitório + Sala	1 educ. + 2 educ.' + 1 coord. + todas as crianças	Grupo	Inter
3	8h09	2	Café da manhã + Higiene	Refeitório + Banheiro	1 educ. + 1 coord. + 21 crianças	Grupo	Inter
4	8h11	4	Higiene	Banheiro	1 educ. + 1 coord. + 21 crianças	Grupo	Inter
5	8h15	2	Higiene + Transição	Banheiro + Sala	1 educ. + 1 coord. + 21 crianças	Grupo	Inter
6	8h17	2	Transição	Sala	1 educ. + 1 coord. + 21 crianças	Grupo	Auto
7	8h19	22	Roda	Sala	1 educ. + 1 coord. + 21 crianças	Grupo	Dir
8	8h41	2	Transição	Refeitório + Sala	1 educ. + 1 coord. + 21 crianças	Grupo	Auto
9	8h43	43	Massinha	Refeitório	1 educ. + 1 coord.* + 21 crianças	Grupo	Inter
10	9h26	3	Organizacional	Refeitório	1 educ. + 21 crianças	Grupo	Dir
11	9h29	4	Organizacional + Brincadeira livre	Refeitório + Pátio	1 educ. + 21 crianças	Livre	Auto
12	9h33	8	Brincadeira livre	Pátio	1 educ. + 21 crianças	Livre	Auto
13	9h41	4	Suco	Pátio	1 educ. + 1 coord.* + 21 crianças	Grupo	Inter
14	9h45	45	Brincadeira livre	Pátio	2 educ. + 21 crianças	Livre	Auto
15	10h20	6	Organizacional	Pátio	1 educ. + 20 crianças	Grupo	Dir
16	10h26	8	Higiene	Refeitório	2 educ. + 21 crianças	Dois grupos	Inter
17	10h34	41	Almoço	Refeitório	2 educ. + 21 crianças	Grupo	Inter
18	11h15	2	Transição	Pátio	Crianças Maternal	Grupo	Auto
19	11h17	8	Higiene	Banheiro	2 educ. + 21 crianças	Grupo	Inter
20	11h25	19	Higiene + Descanso	Banheiro + Sala	2 educ. + 21 crianças	Grupo	Inter
21	11h44	126	Descanso	Sala	2 educ. + 21 crianças	Individual	Auto
22	13h50	16	Despertar	Sala	1 educ. + 21 crianças	Individual	Inter
23	14h06	6	Transição + Suco	Sala + Refeitório	1 educ. + 1 educ.* + 21 crianças	Livre	Inter
24	14h12	5	Organizacional	Sala	1 educ. + 1 coord. + 21 crianças	Grupo	Dir
25	14h17	7	Roda	Sala	1 educ. + 1 coord. + 21 crianças	Grupo	Dir
26	14h24	5	Transição	Quadra	1 educ. + 2 educ.' + 1 coord. + todas as crianças	Grupo	Dir
27	14h29	32	Brincadeira dirigida	Quadra	1 educ. + 2 educ.' + 1 coord. + todas as crianças	Grupo	Dir
28	15h01	4	Transição	Circo	1 educ. + 2 educ.' + 1 coord. + todas as crianças	Grupo	Dir
29	15h05	18	Transição	Circo	1 educ. + 2 educ.' + 1 coord. + todas as crianças	Grupo	Dir
30	15h23	19	Espectáculo de circo	Circo	1 educ. + 2 educ.' + 1 coord. + todas as crianças	Grupo	Dir
31	15h42	4	Transição	Refeitório	1 educ. + 2 educ.' + 1 coord. + todas as crianças	Grupo	Dir
32	15h46	15	Jantar	Refeitório	1 educ. + 2 educ.' + 1 coord. + todas as crianças	Grupo	Inter
33	16h01	2	Atividade dirigida	Sala	1 educ. + 21 crianças	Grupo	Dir
34	16h03	27	História + Despedida	Sala	1 educ. + crianças Maternal	Grupo	Auto
	16h30						

Tabela 3: dia 6 de junho

NE	HORA	DE	ATIVIDADE	ESPAÇO	PARTICIPANTES	MSD	MG
1	7h33	7	Recepção + Brincadeira livre	Sala	2 educ. + crianças Maternal	Livre	Inter
2	7h40	13	Café da manhã + Recepção	Refeitório + Sala	2 educ. + crianças Maternal	Grupo	Auto + Inter
3	7h53	25	Café da manhã + Recepção	Refeitório + Sala	2 educ. + 2 educ' + todas as crianças	Grupo	Auto + Inter
4	8h18	4	Café da manhã	Refeitório	2 educ. + 19 crianças	Grupo	Auto
5	8h22	4	Organizacional	Sala	2 educ. + 19 crianças	Grupo	Dir
6	8h26	18	Roda	Sala	2 educ. + 19 crianças	Grupo	Dir
7	8h44	7	Higiene	Banheiro	2 educ. + 19 crianças	Dois grupos	Inter
8	8h51	8	Organizacional	Sala	2 educ. + 19 crianças	Grupo	Dir
9	8h59	20	Roda	Sala	2 educ. + 19 crianças	Grupo	Dir
10	9h19	6	Organizacional	Refeitório	2 educ. + 19 crianças	Grupo	Dir
11	9h25	5	Suco	Refeitório	2 educ. + 19 crianças	Grupo	Inter
12	9h30	7	Organizacional	Refeitório	2 educ. + 19 crianças	Grupo	Auto
13	9h37	22	Pintura	Refeitório	2 educ. + 19 crianças	Grupo	Inter
14	9h59	4	Higiene	Refeitório	2 educ. + 19 crianças	Grupo	Dir
15	10h03	4	Higiene + Brincadeira livre	Refeitório + Brinquedoteca	2 educ. + 19 crianças	Livre	Auto
16	10h07	14	Brincadeira livre	Brinquedoteca	1 educ. + 19 crianças	Livre	Auto
17	10h21	8	Organizacional	Brinquedoteca	1 educ. + 19 crianças	Livre	Inter
18	10h29	27	Almoço	Refeitório	2 educ. + 19 crianças	Grupo	Inter
19	10h56	9	Almoço	Refeitório	2 educ. + 2 educ' + todas as crianças	Grupo	Inter
20	11h05	4	Sobremesa + Higiene	Refeitório + Banheiro	2 educ. + 19 crianças	Dois grupos	Inter
21	11h09	10	Higiene + Descanso	Banheiro + Sala	2 educ. + 19 crianças	Livre	Inter
22	11h19	11	Descanso	Sala	2 educ. + 19 crianças	Individual	Auto
23	14h30	18	Despertar	Sala	2 educ. + 19 crianças	Individual	Inter
24	14h48	12	Suco	Sala	2 educ. + 19 crianças	Grupo	Inter
25	15h00	6	Atividade de rotina	Sala	2 educ. + 19 crianças	Grupo	Inter
26	15h06	20	Brincadeira dirigida	Sala	2 educ. + 19 crianças	Grupo	Dir
27	15h26	25	Jantar	Refeitório	2 educ. + 19 crianças	Grupo	Inter
28	15h51	9	Higiene + Brincadeira livre	Refeitório + Sala	2 educ. + 19 crianças	Livre	Inter
29	16h	21	Filme + Despedida	Brinquedoteca	2 educ. + 19 crianças	Grupo	Dir
	16h21						

Legenda:

NE – número do episódio

DE – duração do episódio

MSD: modalidades sociais de desenvolvimento da atividade

MG: modalidades de gestão

Inter: intermediária

Auto: autônoma

Dir: dirigida